REVISTA
Multi
FÉ NA ESTRADA
CERVEJA
A forma artesanal da bebida que está ganhando o mundo
RECEITA FEDERAL
Os novos processos no horizonte da secretaria
GOVERNO RS
Os desafios da economia, transportes e logística
MÚSICA GAÚCHA
As diversas facetas que marcam a cultura do RS

A SUA LOGÍSTICA É O NOSSO NEGÓCIO.

Todos os passos dados em direção aos seus objetivos apresentam um leque de novas escolhas. Algumas são fáceis, outras exigem coragem, ousadia e fé. E qualquer que seja o seu caminho, você sempre pode contar com o trabalho da Multi Armazéns, pois acreditamos que nada é mais importante do que simplificar os seus processos e garantir a tranquilidade que precisa para se focar nas suas metas.

PORTO SECO

ARMAZÉM GERAL

TRANSPORTES

multiarmazens.com.br

Multi Armazéns

Carta do DIRETOR

O ano de 2019 está a pleno vapor e nos traz muita esperança de tempos melhores, mas com a necessidade real de mudanças

Chegamos à terceira edição de nossa revista nesse ano tão emblemático de 2019.
Após uma briga ideológica muito forte durante as eleições, temos um novo governo, com uma nova ideia de governar, assumindo os rumos do Brasil. E ao mesmo tempo em que a esperança por tempos melhores se fortalece, não podemos deixar de cobrar para que as reformas estruturais tão necessárias (como a da previdência, tributária e uma nova trabalhista, agora mais profunda) sejam realmente levadas em frente.
É necessário o pulso firme do governo Bolsonaro para cumprir as promessas de campanha, promover as privatizações necessárias e ações que possam criar empregos e deixar as empresas autorregularem o mercado através da competição entre elas.
Sem falar de uma atenção especial ao combate da tabela mínima da ANTT para não prejudicar a economia, estabelecendo critérios fixos no intuito de regular o mercado.
Temos que seguir bons exemplos, deixar o ufanismo de lado e copiar iniciativas positivas do exterior, de países europeus e dos Estados Unidos, a fim de fazer a roda da economia girar de forma mais rápida. O ano de 2019 surge como um ano auspicioso, mas não podemos deixar toda a esperança depositada no novo governo se dissolver. É momento de agir, de deixar a politicagem de lado e fazer as reformas que o país tanto precisa realmente acontecerem.
Boa leitura e fé na estrada.

RENAN HENRICH
Diretor da Multi Armazéns

REVISTA Multi FÉ NA ESTRADA

Renan Henrich
Diretor da Multi Armazéns

Agência Fixe Ideias
Dir. de Criação e Projeto Gráfico

Maurício Carvalho
Diretor de Redação

Agência Fixe Ideias
Diagramação

Maurício Carvalho
Revisão

Gráfica Coan
Impressão

COLABORADORES

1

2

3

4

1 JUAREZ FONSECA
Autor da ampla matéria sobre a música no RS, Juarez Fonseca é formado pela UFRGS e é jornalista desde 1970. Atuou em vários veículos de Porto Alegre, mas principalmente no jornal Zero Hora, onde atuou de 1970 a 1996, e para onde retornou, como colunista, em 2013. Pesquisador da música brasileira, produtor de shows e discos, entre outros o coletivo Paralelo 30. Foi coordenador de Música da Secretaria da Cultura de Porto Alegre e membro do Conselho Estadual de Cultura do RS.

2 CRISTÂNIA KRAMATSCHEK
Autora das fotos de capa e da matéria de cervejas artesanais, Cristânia é fotógrafa atuante na área de publicidade no RS. Graduada em fotografia com especialização em Poéticas Visuais. Desde 2013 vem desenvolvendo pesquisas em fotografia autoral, e através desses trabalhos participou de exposições importantes como Festfoto POA e Paraty em Foco.

3 EQUIPE FIXE
A agência de publicidade Fixe Ideias foi a responsável pelo design gráfico, diagramação, finalização e coordenação do projeto da revista. Com mais de uma década no mercado, a Fixe acredita no conceito de propaganda em que todos os esforços de comunicação se unem para o mesmo sentido, seja no mundo real ou no mundo virtual.

4 MAURÍCIO CARVALHO
Editor da Revista Multi é jornalista formado pela Unisinos em 2001 e diretor da Revista O Polvo, publicação voltada para o público jovem. Já trabalhou como repórter e editor de esporte e cultura dos jornais NH e VS e em projetos independentes, tanto como idealizador quanto como editor. Especializado na editoria de cultura, já fez coberturas de eventos como Rock in Rio e Festival de Cinema de Gramado, entre outros.

EDITORIAL

A terceira edição da Revista Multi se aproxima mais do significado do seu nome, sendo mais plural, mas sem se afastar da logística que nos move

Chegamos ao terceiro número da Revista Multi buscando cada vez mais a diversidade. Sim, seguimos nossa estrada por falar e apresentar assuntos relevantes para a logística, mas também queremos oferecer outros assuntos para os nossos leitores. E por isso a escolha da matéria de capa sobre as cervejas artesanais, falando sobre os seus tipos, sabores e particularidades que ultrapassam o simples ato de aproveitar a bebida fermentada. Conversamos com o pessoal da Gram Bier, de Gramado, e da Tupiniquim, de Porto Alegre, que contaram tudo sobre a produção e o amor aos diversos tipos e cores da bebida.

Também temos espaço para música e cinema nessa edição. Falamos sobre os shows de Roger Waters pelo Brasil (a estrutura de palco passou pela Multi Armazéns), suas polêmicas e importância no rock mundial, damos um panorama sobre a música no Rio Grande do Sul e os 25 anos de lançamento de Forrest Gump, um dos filmes mais lembrados de todos os tempos.

Também temos espaço para grandes parceiros da Multi. A Mahindra apresenta sua linha de produção em Dois Irmãos e o crescimento de sua marca no segmento de tratores do Brasil. Outro parceiro que abriu suas portas para a Revista foi a HT Micron, de São Leopoldo, que nos contou sobre as particularidades e o mercado de semicondutores no Brasil.

Ainda temos notícias sobre os rumos do novo governo gaúcho na economia e logística e uma entrevista com o skatista de velocidade Douglas Dalua. Foi uma ótima experiência abordar temas tão diferentes entre si, mas que deram uma unidade para a revista. Espero que a leitura seja tão prazerosa quanto a produção.

Esperamos que gostem e fé na estrada!

MAURÍCIO CARVALHO
Editor

TRÊS UNIDADES

UMA SÓ MISSÃO: CUIDAR DAS SUAS CARGAS

PORTO SECO

Estrutura complexa com armazéns específicos para cada tipo de produto, pátio que comporta cargas de todos os tamanhos e soluções para o processo de qualquer mercadoria sob controle aduaneiro.

ARMAZÉM GERAL

Serviços flexíveis de armazenagem e movimentação de mercadorias que se integram com o sistema do cliente, se adaptam às suas necessidades especiais, e garantem a integridade e segurança dos produtos.

TRANSPORTES

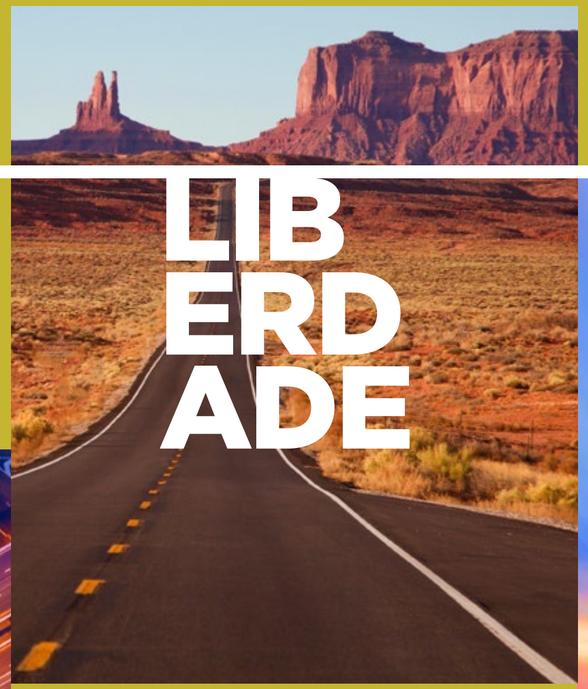
Transporte rodoviário nacional e internacional, com frota própria e terceirizada. Distribuição de mercadorias nacionalizadas a partir do nosso hub em Novo Hamburgo para todo o Rio Grande do Sul.

Multi Armazéns
FÉ NA ESTRADA

Índice

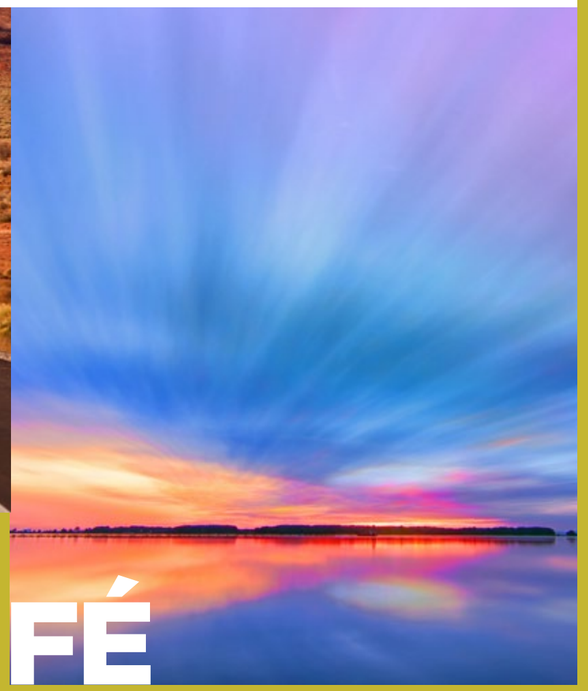
É tempo de cerveja artesanal .12
A cerveja da Arara Azul .22
Uma parte integrante da sociedade .26

Uma operação gigante .34
Uma fábrica de boas memórias .38
Uma longa estrada .42



25 anos de Forrest Gump .52
O guerreiro vai se aposentar? .56

Mahindra mais robusta no Brasil .60
Um raio-X no RS .62
Uma empresa com perfil mundial .66



SIM
PLI
CID
ADE

É TEMPO DE CERVEJA ARTESANAL

Ela sempre foi muito popular, mas agora os amantes da bebida querem mais e mergulham em boas opções para uma experiência mais completa para os sentidos

Guilherme Dreher, diretor da Gram Bier, criou um ambiente totalmente voltado à bebida

A cerveja sempre foi uma paixão do brasileiro. Por anos, as grandes marcas nacionais fizeram a festa nos bares e casas, mas as opções eram poucas. A partir dos anos 90, com a globalização tomando conta, as marcas estrangeiras começaram a aparecer nas gôndolas dos supermercados e nos balcões gerais, melhorando as opções para o consumidor. Mas foi nos anos 2000 que as marcas menores, com uma produção mais esmerada, calcada na qualidade e não na quantidade, começaram a ganhar espaço no mercado. A explosão da cerveja artesanal estava começando.

E, hoje em dia, não é o tamanho da linha de produção que determina se a cerveja é artesanal ou industrial. São os cuidados nos insumos, processo e etapas da produção que fazem com que as marcas possam se dizer realmente artesanais. E os mestres cervejeiros, aqueles que conhecem a bebida pela cor, aroma e paladar, viraram celebridades no mundo do sabor, não ficando reféns da receita básica alemã de água, cevada e lúpulo.

Atualmente é comum sentir a febre do artesanal entre nós. Pubs apresentam dezenas de torneiras com sabores, texturas e teores alcóolicos diferentes, eventos são dedicados exclusivamente para a bebida e a cerveja desenvolve marcas que, além de consumidores, ganham fãs pelo estilo que propõem. E está deixando de ser moda para se tornar algo impregnado no dia a dia de muitas pessoas.

OS TIPOS DE CERVEJA

Para quem não é adepto ao assunto, a cerveja só precisa estar gelada e está bom. Já aqueles que querem tornar-se iniciados e experts na linha artesanal precisam saber identificar a cor, aroma, teor alcóolico e outros detalhes que diferenciam um estilo do outro. E a gente apresenta um rápido guia para identificar cada tipo e poder explicar pros amigos as diferenças básicas da bebida, do grau de amargor ao copo ideal para servir:

GERMAN HEFEWEIZEN

O sabor suave, a cor dourada e a espuma consistente marcam esse tipo de cerveja, que tem um aroma frutado e alta fermentação. Tem 12 IBU de amargor e deve ser servida a 6 graus, num copo Weiss. Boa pra ser harmonizada com salada verde e frutos do mar.

AMERICAN PALE ALE

Essa é bem mais amarga, pra quem prefere algo mais intenso, com incríveis 40 IBU de amargor. Estilo americano da bebida, ideal a ser servida numa Spielgelau IPA Glass a 5 graus de temperatura, acompanhada de carnes grelhadas, queijos suaves e castanhas.

VIENNA LAGER

Uma cerveja de corpo médio e brilhante com sabor levemente tostado e aroma maltado. Essa foi a primeira lager do mundo, produzida em 1841, na Áustria, por Anton Dreher. São 28 IBU de amargor, deve ser servida a 5 graus num copo Pilsner, de preferência, ao lado de carnes e vegetais grelhados.

INTERNATIONAL PALE LAGER

Essa é uma das preferidas e ótima para os iniciantes, pois é uma pilsen com teor alcoólico de 5,1%, que tem apenas 14 IBU de amargor e deve ser servida gelada, a 3 graus. Ideal para ser consumida com queijos frescos, peixes, pizzas e sopas leves.

ROBUST PORTER

Opção densa e que puxa pro tom marrom, já que vem acompanhada por um delicioso aroma de chocolate e café, além do malte torrado. Teor alcoólico mais alto, de 7%, e amargor batendo nos 30 IBU. Vai bem com presunto cru, bacon e carnes com molhos fortes.

GERMAN WEIZENBOCK

Para os fortes, que devem servir essa cerveja de teor alcoólico de 8,2% num copo Weiss junto com carne na brasa, chocolates e queijos defumados, para aproveitar o amargor suave e aroma de banana e cravo. E sirva na temperatura de 8 graus para ficar perfeita.

AMERICAN IPA

Cerveja caracterizada por ter muito lúpulo, o que aumenta seu amargor, chegando a incríveis 70 IBU. Aroma floral e cítrico completa o quadro, que amplia o sabor ao lado de pratos mexicanos, hambúrguer e pizzas. Sirva num copo caldereta a 6 graus.

BELGIAN BLONDE ALE

Dourada e leve, com 22 IBU de amargor, vai bem numa tulipa acompanhada por lagostas, ostras, frango e batata frita. Direto da escola belga de cervejas, tem aroma frutado e sabor com um toque adocicado, deve ser servida a 6 graus.

BLACK IPA

Bebida com amargor forte, batendo nos 65 IBU e com muito lúpulo floral. Tem o aroma do malte torrado e tom bem escuro. Aproveite num Pint com carnes grelhadas, camarões e queijos fortes como gorgonzola, além dos chocolates trufados.

IRISH RED ALE

Com cor de cobre e com receita irlandesa, tem baixo amargor e deve ser servida igualmente num Pint a 6 graus. Vai muito bem com doces como cheescake e saladas verdes. Aves e queijos também são indicados para conseguir a melhor harmonização.

GRAM PILSNER

A básica Pilsen, preferida da maioria, só um pouco mais forte no teor alcoólico, batendo nos 5,1%. Servida bem gelada, tem aquela coloração dourada e gosto leve e vai muito bem com peixes, pizzas a base de queijo e bruschettas com rúcula e manjericão.

PAIXÃO COMPARTILHADA PELA CERVEJA

O hobby do final de semana virou um negócio sério com planejamento e agora a Gram Bier é uma realidade

Com quase cinco anos de atividade, a cervejaria Gram Bier, de Gramado, é a síntese do movimento da cerveja artesanal. Tem uma fábrica com capacidade para uma boa carga de produção mas não deixa para trás nenhum detalhe, da confecção do rótulo à utilização dos insumos. Com um investimento inicial de 2 milhões de reais em maquinário, instalações e pessoal, a empresa nasceu como um plano de negócio de três casais, que queriam mudar de ramo, mas não tinham ainda um rumo definido. Foi aí que o hobby de final de semana de Guilherme Dreher falou mais alto e fabricar cerveja foi o objetivo escolhido para o empreendimento que começou em 4 de abril de 2014.
Mas a paixão pela cerveja vem de muito antes disso. “Meu pai gostava de fazer cerveja em casa e eu herdei esse gosto também. Sempre fabricava nos finais de semana e os amigos e parentes apreciavam a qualidade, mas era tudo realmente artesanal”, comenta Guilherme, que divide seu tempo de empresário com a profissão de piloto de avião.
Ainda em 2012, sua esposa, Mirna Cordeiro, estava se desligando de um trabalho na rede bancária. Ela e uma amiga, da área de contabilidade, queriam investir num negócio próprio. Organizaram plano de negócios, cálculos e projeções, mas a escolha final do ramo não acontecia. Foi quando Guilherme sugeriu investir no mercado emergente da cerveja artesanal. A ideia ganhou fruto e vieram 14 meses de intensa programação, compra de maquinário, escolha da sede e outros detalhes.

Assim nascia a Gram Bier, que hoje é um espaço completamente dedicado ao consumo da cerveja. Além da fábrica em si, repleta de tanques para a fermentação e maturação da bebida, o local tem um pub aberto ao público que quer degustar com tempo, num ambiente pensado para o prazer da cerveja.
Outra novidade que a Gram Bier oferece é uma viagem lúdica ao mundo da cerveja. “A gente criou uma forma diferente de conhecer mais sobre os tipos e diferenças dos estilos. Adaptamos um espaço dentro da própria fábrica para que as pessoas possam aprender e degustar o que produzimos”, comenta Guilherme.

O resultado é a Fabulosa Fábrica de Cerveja, em que uma trupe de atores conta a história da cerveja no decorrer dos séculos, lembrando centros importantes da Europa, como Alemanha, Áustria e Bélgica, para a popularização da bebida. Os espetáculos ocorrem aos finais de semana, com direito a degustação. Ingressos, reservas e informações podem ser obtidos no site *www.fabulosafabrica.com.br.*

Cuidado nos mínimos detalhes

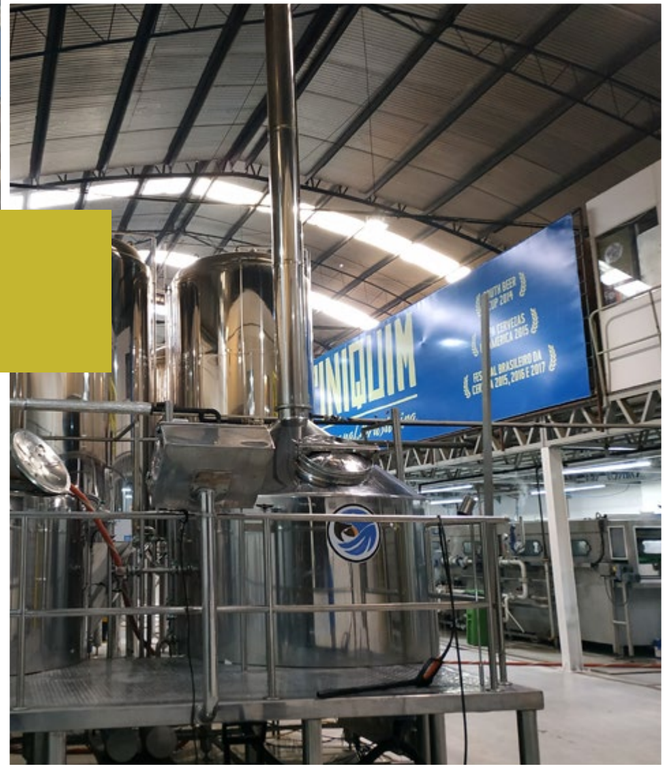
Guilherme sempre teve muito cuidado e esmero pelos detalhes da Gram Bier. Se hoje a empresa tem 55 funcionários e uma estrutura de venda e distribuição organizados, no início era bem mais familiar. “Eu produzia nas minhas folgas e um dos sócios ficava acompanhando os processos de fermentação e maturação (afinal, a cerveja demora 21 dias pra ficar pronta). Também cuidava do marketing e distribuição, que começou nas cidades ao redor de Gramado, mas logo se expandiu. Logo vi que esse processo tinha que mudar”, lembra.
Oito meses depois, um mestre cervejeiro entrou para o time e a Gram Bier foi se expandindo. Cada vez mais profissional, a marca chegou a mais lugares, mas não perdia a aura de artesanal. “Sempre tivemos pessoas que vinham até a fábrica conhecer o processo, conversar sobre cerveja, provar sabores diferentes. Daí veio a ideia de abrir também o pub e depois o espetáculo”, diz o diretor, lembrando que tem uma média de 1500 pessoas visitando os espaços mensalmente.

Guilherme mostra o apreço à história e fabricação da cerveja em cada detalhe. Ele escreveu o roteiro do espetáculo “A Fantástica Fábrica de Cerveja” e pesquisa arduamente sobre o assunto para desenvolver seus rótulos e tipos da bebida. A Valsa do Imperador, por exemplo, é baseada numa visita do imperador alemão à Áustria e tem a mesma receita criada por Anton Dreher (o sobrenome é uma coincidência), em 1841, que foi a primeira lager do mundo.

O resultado são premiações em encontros no México e Blumenau, confirmando a qualidade da cerveja do local. São 40 mil litros por mês, com distribuição em todo o Rio Grande do Sul e em estados como Santa Catarina, São Paulo, Distrito Federal e Bahia.

O que faz ser artesanal?
Se fosse pela Lei da Pureza Alemã, criada na Baviera em 1516, não haveria a cerveja artesanal. Pois ali se determinou que a cerveja teria apenas água, lúpulo e malte. Mas a criatividade e a vontade de inovar permitem que hoje os cervejeiros incluam aromas e sabores especiais nas suas fabricações, com adição de chocolate, pimenta, frutas e outros ingredientes que dão um frescor na degustação.
Além disso, todo o processo tem que ter o contato humano. "Outra característica é adaptar ao que o público quer. A gente consegue apresentar várias opções, encara desafios de criar receitas com cacau e goiaba, por exemplo, e oferece possibilidades de baixo ou alto teor alcoólico, amargor e textura", comenta.
E também tem a vontade de ensinar, criar um público conhecedor da causa, que não precise tomar uma cerveja industrializada trincando e saiba apreciar os sabores nas suas temperaturas ideais, com os acompanhamentos certos. É um hobby e uma fonte de prazer.

A CERVEJA DA ARARA AZUL



Como a Tupiniquim mudou-se de Santa Catarina para o Rio Grande do Sul e tornou-se umas das marcas mais premiadas do Brasil

Depois da diversão e do hobby de fazer a cerveja em casa, para consumo próprio e para os amigos, a Tupiniquim agora é uma marca consistente e com diversos prêmios. O diretor da marca, Christian Bonotto, lembra como tudo era bem rudimentar em 2006. “Começamos fazendo como uma brincadeira, em casa, para nós. Virou um negócio”. Treze anos depois, com colocação nos principais mercados nacionais e exportação para outros países, a Tupiniquim aproveita a mudança de ares e investe na inovação e na criatividade para alcançar seus objetivos.
Antes verdadeiros ciganos, operando em vários locais em Santa Catarina, a Tupiniquim se mudou para o Rio Grande do Sul, com uma fábrica em Porto Alegre. E a planta na capital gaúcha permitiu pensar em novos investimentos e mercados. “Pretendemos crescer 60% nesses próximos dois anos. Voltamos a exportar, pois tivemos um desempenho interessante no mercado europeu, e pretendemos ampliar para os EUA. O Brasil sempre é um desafio, temos que ser criativos e cuidadosos nessas expansões”, comenta Christian.

Ter várias marcas no mercado e conseguir apresentar um diferencial para um público consumidor que cresce cada vez mais são desafios quase diários. “Sempre estamos estudando as tendências no mundo inteiro e avaliando o que achamos interessante inovar. O mercado está um pouco estranho, mas temos que buscar alternativas e ser criativos para podermos estar sempre crescendo”, confirma.

Prêmios e sabores diferentes

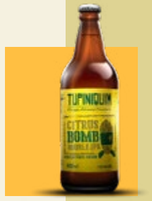
Quem confere a lista de sabores e cervejas da Tupiniquim se surpreende pela diversidade. E com vários prêmios conquistados para justificar a escolha do consumidor. “O prêmio do World Beer Cup em 2018 em Nashiville com a PECAN Imperial Stout para nós foi muito importante, porque consolida um trabalho que vem se desenvolvendo com qualidade e dedicação”, relembra Christian. Antes disso a marca já havia sido escolhida a Melhor Cervejaria no Festival Brasileiro da Cerveja em 2015, Melhor Cervejaria na Copa Cervezas de America 2015 e Melhor Cervejaria na South Beer Cup 2014.

A carta de cervejas da Tupiniquim é vasta e tem desde as tradicionais Pilsen, Pale Ale, Weiss e Bock até sabores e fórmulas bem diferentes, que listamos aqui:

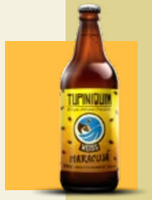
SAISON DE CAJU
Com 6,8% de volume alcoólico, é feita com polpa de caju e manga, com a adição de Brettanomyces para a fermentação, deixando um gosto bem frutado. Deve ser consumida entre 2 e 6 graus e combina bem com frutos do mar e carne vermelha.

ANUNCIAÇÃO IPA
Essa é uma tipo India Pale Ale, com 6,6% de álcool na composição e tem uma inspiração nordestina (mesmo com o toque indiano) e cai bem com comidinhas apimentadas e queijos fortes, para salientar o paladar.

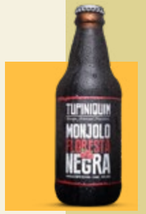
ENIGMA
Todo mundo sabe o amor dos australianos com a cerveja, e essa Australian Pale Ale faz jus a essa tradição. Leve, com 5,3% de álcool na composição, vem com o lúpulo Enigma da Austrália, que a deixa bem particular.



CITRUS BOMB
Boa pedida para os fortes, com 7,8% de teor alcoólico. A Double Ipa tem um gosto cítrico e utiliza vários lúpulos americanos na sua composição. Cerveja escura e mais amarga, vai bem com uma pizza ou carnes vermelhas.



MARACUJÁ
O sabor da fruta está nessa Weiss que deve ser degustada bem gelada, que deixa essa cerveja leve ainda mais tropical. Vale a pena provar acompanhado por pratos leves, frutos do mar, frangos e sobremesas.



MONJOLO FLORESTA NEGRA
Cerveja forte e escura, com 10% de volume alcoólico em cada garrafa. A composição tem uma dose extra de cacau e favas de baunilha, além de muita framboesa. Sabor intenso e frutado, não precisa ser tão gelada, podendo ser consumida em até 10 graus.

CERTIFICADOS AFE

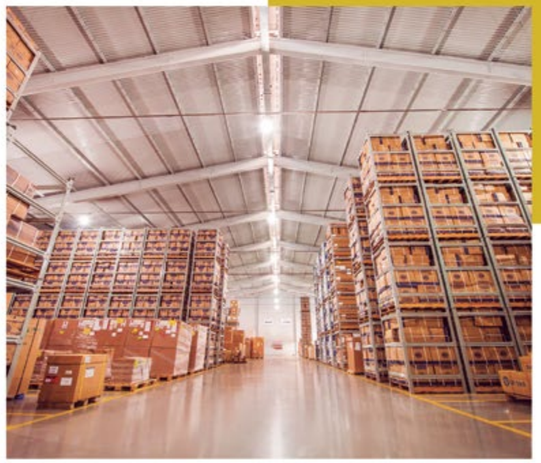
Em 2019, a Multi Armazéns passou a ser a única empresa do segmento no Rio Grande do Sul com Certificado de AFE da Anvisa para armazenagem de saneantes.

Isso significa que nosso Porto Seco já está pronto para receber os seus saneantes domissanitários, e as matérias-primas que os integram, nos recintos alfandegados construídos para preservar a integridade dos seus produtos.

Além disso, ainda contamos com certificados de AFE para armazenagem de Alimentos, Produtos para Saúde, Cosméticos e Medicamentos e de transporte de Produtos para Saúde e Cosméticos e Sanenantes.

Traga seus produtos sensíveis para a Multi e trabalhe ao lado de uma empresa que preza pela agilidade, segurança e responsabilidade.

Para mais informações, acesse o site ou envie uma mensagem para o **comercial@multiarmazens.com.br**.



wwww.**multiarmazens**.com.br

Dúvidas ou reclamações: (51) 21264900 | qualidade@multiarmazens.com.br
Atendimento comercial: (51) 21264900 | comercial@multiarmazens.com.br

Multi Armazéns
FÉ NA ESTRADA

Multi Movimenta

DO AEROPORTO PARA O PORTO SECO

Multi Armazéns
FÉ NA ESTRADA

UMA PARTE INTEGRANTE DA SOCIEDADE

A Receita Federal evoluiu da simples cobrança de impostos para gerir diversos segmentos da economia brasileira

A sociedade moderna, com as diversas atribuições de melhoria de vida e infraestrutura por parte do estado, só pôde se desenvolver a partir dos mecanismos de cobrança de impostos sobre a produção e renda.

Tudo o que pensamos como sociedade moderna, do atendimento à saúde até a infraestrutura de estradas, passando por segurança, tecnologia e educação pública, somente são possíveis graças a essa arrecadação, que teve muitas mudanças e aperfeiçoamentos com o passar dos anos, desde as primeiras cobranças do tributo, ainda na Idade Média. Hoje estão muito mais aperfeiçoadas, seja nos produtos, serviços ou operações financeiras, entre diversas aplicações.

Mas isso demorou para acontecer. Até porque, nos primórdios da sociedade, as negociações eram principalmente por escambo, ou seja, a troca simples de mercadorias. Com a criação do dinheiro, das posses de propriedades e a devida valorização de pedras preciosas e bens, os governantes puderam mensurar o que cobrar para investir em melhorias para a população. Com a criação da moeda, houve uma unidade para determinar o acréscimo do patrimônio das pessoas, possibilitando determinar a renda e tributá-la. Em vez de a riqueza ser avaliada apenas pelos bens que o indivíduo possuía, pôde ser medida pelo produto desses bens, isto é, pela renda.

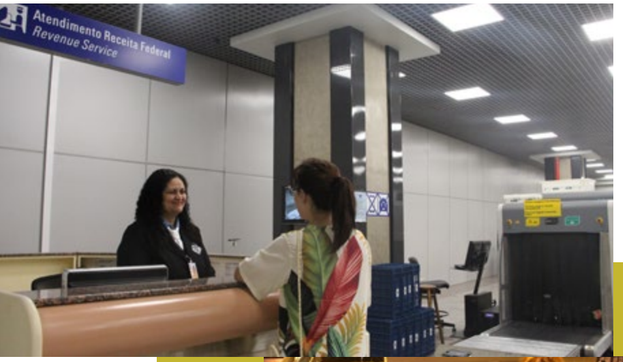
E isso foi fundamental para o crescimento da sociedade. É o que diz o professor da Universidade de Columbia, Edwin Seligman, no livro “The income tax: a study of the history, theory and practice of income taxation at home and abroad”: o imposto de renda teve papel insignificante na Idade Média. Ele considerava que os impostos desse período tinham como fato gerador a produção e não a renda.

O quadro foi se alterando por volta do século XV, em Florença, quando apareceram os primeiros movimentos para uma efetiva tributação sobre a renda. A riqueza não decorria só da terra, mas também do comércio e da indústria. Foi criado o tributo conhecido como catasto, que transferiu a tributação direta da propriedade para a renda. Inicialmente não tinha caráter de progressividade, pois havia apenas uma alíquota. Não demorou muito para que o catasto se tornasse progressivo e se denominasse scala. Instituía-se o que ficou conhecido como Decima Scalata, decima, um nome genérico que se dava aos impostos e scalata, gradual, progressivo. A Decima Scalata não teve longa duração, porque atingia os mais abastados, que não aceitavam arcar com maior carga tributária. Com a reintrodução do regime aristocrático, não só esse mas também outros tributos diretos sobre a riqueza desapareceram. A Decima Scalata foi um marco na história mundial do imposto de renda e, segundo alguns estudiosos, a primeira demonstração de uma tributação sobre a renda.

COM A PALAVRA, **O SUPERINTENDENTE** DA RECEITA NO RS

Luiz Fernando Lorenzi, 52 anos, está há 25 anos trabalhando na Receita Federal. Morador de Novo Hamburgo, começou na cidade do Vale do Sinos em 1993, como auditor fiscal, trabalhando na fiscalização empresarial. Entre 1997 e 1999 passou por cidades como Maceió e Brasília, se estabelecendo na capital federal em 2000, trabalhando na coordenação de operações de fiscalização e depois como Corregedor Adjunto.

Em 2007 retornou ao Rio Grande do Sul como Relator Julgador em Porto Alegre até assumir como Delegado em Novo Hamburgo em 2009, permanecendo na função até 2015. No mês de junho desse ano foi designado como Superintendente Adjunto até 2017, quando assumiu a titularidade como Superintendente da Receita Federal no RS. Conversamos com o Sr. Lorenzi sobre o papel da Receita e as ações planejadas para o futuro:



Revista Multi - Como a tecnologia auxilia o trabalho da Receita, tanto no âmbito do atendimento quanto na fiscalização de empresas (a Receita ganhou um prêmio como uma das 100 empresas que melhor trabalha com TI)? Qual o investimento médio anual da Receita Federal em tecnologia?

Luiz Fernando Lorenzi – *Historicamente, a Receita sempre esteve na vanguarda da tecnologia. Hoje investimos R$ 1,5 bilhão no setor, por meio de parceiros, para termos o cruzamento de informações de contribuintes e empresas. Essas ações permitem um corte de gastos na cifra de 10% e a partir desse ano teremos dois novos elementos tecnológicos: o atendimento via chat e a possibilidade de fazer diversos serviços através do site da Receita, como envio de documentos, e sem a necessidade de atendimento físico, tudo pelo sistema remoto.*

Revista Multi - A arrecadação da Receita vem apresentando um crescimento, conforme levantamento apresentado sobre 2018. Que movimentos a Receita vem conseguindo para melhorar esses números?

Lorenzi - *Com o aquecimento da economia no final de 2018, tivemos um aumento na arrecadação, mas estamos buscando outras soluções para regularizar dívidas antigas de empresas e contribuintes e também equipes especiais na busca da conformidade, apresentando soluções ao empresariado para a quitação e organização dos impostos devidos. Hoje, 90% dos devedores querem resolver suas pendências e estamos desenvolvendo ferramentas para facilitar esses acertos, nos permitindo fiscalizar os 10% que realmente querem lidar com fraudes e crimes tributários.*

Revista Multi - Os regimes aduaneiros foram recentemente modificados, como a Receita passa essas novidades do comércio exterior para as empresas e como evitar problemas nesse segmento?

Lorenzi - *A questão aduaneira foi que a teve as maiores mudanças no nosso dia a dia. Hoje temos normas que envolvem operadores, porto seco e transportadores disponibilizados em nosso site e também estamos operando em regime de confiabilidade, aceitando normas de países como EUA, Coreia e Uruguai sobre entidades confiáveis, liberando algumas cargas mais facilmente para nos fixarmos na gestão de risco de certas rotas e mercadorias. Hoje, com o Siscomex integrado, apenas 4% das cargas são retidas, mas mesmo assim com maior agilidade de liberação. Nosso tempo de despacho é de 24 horas, aqui no RS.*

Revista Multi - Com a chegada de um novo governo, existe a possibilidade de mudança em alíquotas e faixas para o Imposto de Renda de pessoas físicas? Como se dá o processo de estudo da alteração de um imposto?

Lorenzi – *Uma das preocupações do Governo, no que tange a reforma tributária, é a simplificação e a diminuição da carga de impostos, mas sem afetar a possibilidade de investimentos e cumprimento do orçamento. Temos discussões para o ajuste de impostos como PIS e Cofins, além da tabela do imposto de renda. A ideia é investir num modelo fiscal mais simples.*

Revista Multi - Vemos constantemente movimentos dos fiscais da Receita Federal interceptando mercadorias ilegais. Como é constituída essa logística? A Receita trabalha com denúncias, operações padrão de fiscalização? E o combate a empresas que tentam fraudar os impostos devidos, como isso acontece?

Lorenzi – *Hoje nossa fiscalização na fronteira acontece em duas camadas, envolvendo veículos e viajantes nas fronteiras e o setor de inteligência, integrando a Receita com PRF e Brigada Militar, pois temos apenas 11 postos para 1800 quilômetros de fronteira no RS.*
Hoje temos batido nossas metas internas, conseguindo a apreensão de materiais e bens que entram ilegalmente no País na ordem entre 2 e 3 bilhões de reais. São drogas, agrotóxicos, bebidas, eletrônicos que tentam ser colocados no mercado de forma irregular. Agimos como protetores do mercado interno, evitando que a concorrência fique desleal para nossos empresários e produtores.

Revista Multi - Considerando a crescente diminuição do número de auditores fiscais, quais as perspectivas e projetos da Receita Federal para os próximos anos? Investir de inteligência artificial?

Lorenzi – Realmente estamos há cinco anos sem concurso para auditores (hoje são 400 no atendimento da Receita no RS) e a solução é a tecnologia. Estamos melhorando nosso processo de atendimento e temos projetos para melhorar o sigilo da informação.
O E-CAC permite a realização de vários serviços via site e estamos desenvolvendo aplicativos para facilitar ainda mais a emissão de guias dos mais diversos serviços e dedicar nossos analistas para o estudo dos documentos e não necessariamente no atendimento direto. Estamos implantando nas unidades de Uruguaiana e Rio Grande os Cofac, um modelo nacional integrando despachantes, transportadoras e a Receita para encontrar soluções mais ágeis para o setor. Também estamos buscando criar reuniões com o Sindicato dos Despachantes Aduaneiros, nos moldes que a CAP do Rio de Janeiro já fez, para tirar dúvidas e criar uma pauta positiva para o setor. Estamos pensando em várias possibilidades para modernizar ainda mais nossos processos.

1922 a 1924 – Os primeiros anos

O imposto de renda, de forma oficial, começou tardiamente no Brasil. Foi instituído por força do artigo 31 da Lei nº 4.625, de 31 de dezembro de 1922, que orçou a Receita Geral da República dos Estados Unidos do Brasil para o exercício de 1923. Curiosamente, a lei foi publicada num Diário Oficial da União (DOU) de domingo, quando a publicação oficial ainda circulava aos finais de semana.

1925 A 1929 – Mudando o modelo

Após dois anos de atuação, o processo para a cobrança do imposto de renda exigiu ajustes na legislação. A implantação de um imposto complexo e abrangente exigia adaptações para que fosse mais amplo. O próprio Presidente da República, Arthur Bernardes, afirmava em maio de 1925 que as leis de 1922 e 1923 do imposto de renda precisavam ser modificadas, para tornar a tributação mais geral e mais justa.

1930 A 1939 – Adaptando o Imposto

Com a crise americana de 1929, o começo da década de 30 foi duro no Brasil, com muita preocupação com o desemprego. Um grande número de trabalhadores afluía para a capital da República e principais cidades brasileiras em busca de emprego e, segundo o governo, criava sérios embaraços à administração pública que não tinha meios para atender a tamanhas necessidades. Uma das causas do desemprego era também a entrada desordenada de estrangeiros, que aumentava o caos econômico e a insegurança social.

1940 A 1944 – 1º lugar em arrecadação

A partir dessa década, fixou-se o prazo de entrega da declaração de rendimentos de imposto de renda das pessoas físicas até o dia 1º de abril. O Decreto-lei nº 1.168, de 22 de março de 1939, determinou que, a partir de 1940, o prazo de entrega da declaração de rendimentos terminasse em 30 de abril. O pagamento do imposto, que começava em 1º de setembro, foi antecipado para 1º de agosto. E as mudanças permitiram uma arrecadação maior.

1945 A 1963 - Consolidação do Imposto

Até o advento do Decreto-lei nº 9.330, de 10 de junho de 1946, o lucro apurado na venda de propriedades imobiliárias não figurava no rol dos rendimentos tributáveis. O imposto passou a ser devido pelas pessoas físicas à razão da taxa de oito por cento sobre a diferença entre o valor de venda e o custo do imóvel.

1964 A 1967 - A Reforma Tributária

Em 1964, ocorreu uma ampla reavaliação do imposto de renda, dentro do projeto de reforma tributária programado pelo governo. A Lei nº 4.357. de 16 de julho de 1964. revogou a cobrança dos adicionais de proteção à família criada pelo Decreto-lei nº 3.200. de 19 de abril de 1941. e em vigor desde o exercício de 1942. A Emenda Constitucional nº 9. de 22 de julho de 1964. extinguiu o privilégio da imunidade do imposto de renda de que gozavam professores, jornalistas, autores e magistrados.

1968 A 1981 – Processamento de dados

Na década de 1960, o Ministério da Fazenda já utilizava equipamentos de processamento de dados, na execução de suas atividades, mas não havia coordenação técnica unificada e eram poucos os profissionais especialistas. A Lei nº 4.516. de 1º de dezembro de 1964. criou o Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), vinculado ao Ministério da Fazenda, com o objetivo de executar, com exclusividade, por processos eletromecânicos ou eletrônicos, todos os serviços de processamento de dados e tratamento de informações necessários aos órgãos do Ministério da Fazenda.

1968 - Criação da Secretaria da Receita Federal

Em 1968, a administração tributária da União era exercida pela Direção-Geral da Fazenda Nacional, que supervisionava os Departamentos de Imposto de Renda, Rendas Internas, Rendas Aduaneiras e Arrecadação. A cada Departamento, com exceção do de Arrecadação, cabiam as funções de tributação e fiscalização. Em vez de divisão por tributos, foi adotada uma nova estrutura sistêmica, conforme disposto no artigo 4º do Decreto nº 63.659. de 20 de novembro de 1968. Inicialmente eram quatro sistemas: Arrecadação, Fiscalização, Tributação e Informações Econômico-Fiscais, com vínculos técnicos desde os órgãos centrais até as unidades locais.

1991 a 1996 - Informatização no Preenchimento da Declaração

No início da década de 1990, os microcomputadores começavam a fazer parte do cotidiano de alguns contribuintes. Na Secretaria da Receita Federal planejava-se a implantação de um novo modelo tecnológico. Foi nesse cenário que, em 1991, a Receita Federal instituiu o programa de preenchimento da Declaração de Rendimentos do Imposto de Renda. Após 67 anos de criação do primeiro formulário, estava instituída a segunda forma de preencher e entregar a declaração: o meio magnético. A adesão foi tímida no início, com apenas 3% dos declarantes entregando a declaração em disquete.

1997 a 2016 – Consolidação tecnológica

Desde a instituição em 1991, o programa de Imposto de Renda Pessoa Física conseguia mais adeptos. A cada ano, aumentava, em termos reais e nominais, a quantidade de declaração de ajuste anual entregue em meio magnético.

PAIXÃO

UMA OPERAÇÃO GIGANTE

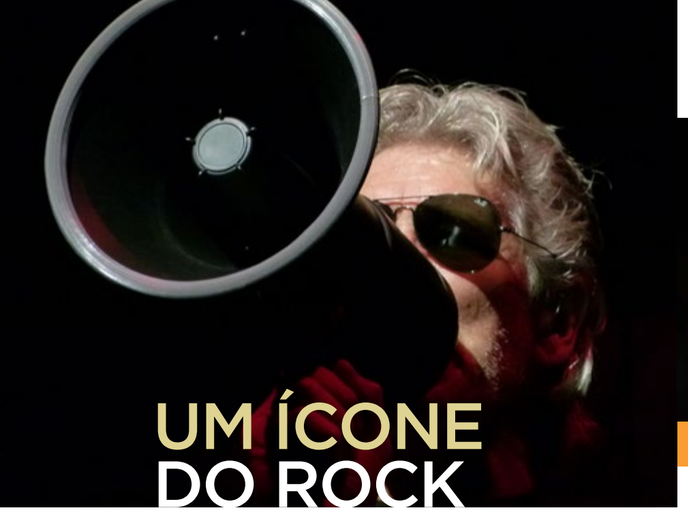
Além de um show inesquecível, organizar os shows de Roger Waters no Brasil exigiu muita agilidade e conhecimento da parte logística

A passagem de Roger Waters pelo Brasil foi bombástica em todos os sentidos. Além da qualidade de som e luz do eterno líder do Pink Floyd, as críticas ao então candidato à Presidência Jair Bolsonaro estiveram direto na mídia especializada, mas não foi só isso que impressionou na passagem de um dos ícones do rock mundial pela América do Sul. O tamanho da estrutura da turnê Us + Them também chamou a atenção, com palco gigante e diversas projeções impressionantes. Mas quem apenas chega ao estádio pra ver essa celebração de som e luz não imagina toda a estrutura e necessidade logística que uma operação desse tamanho demanda.

E a Multi Armazém fez parte desse processo, sendo escolhida pela Waiver LOG, empresa carioca de logística com 30 anos de experiência no setor de grandes espetáculos, para receber o material do show. Foram duas carretas advance, que levaram grande parte da estrutura para Montevideo e Buenos Aires, além de 16 carretas que fizeram a logística de transporte do Estádio Beira-Rio até a sede da Multi em Novo Hamburgo. Várias toneladas de equipamento de luz e som foram desmontados em tempo recorde para seguir viagem e apresentar o espetáculo Us + Them em outros países. A Multi atuou na área alfandegária, com as carretas não chegando a descarregar a carga e tudo foi liberado sobre rodas.

Isso se reflete na escolha da Multi Armazéns para esse tipo de evento, pois as empresas de logística têm à sua disposição uma estrutura de pátio e segurança total, além da longa expertise da aduana em Novo Hamburgo para realizar os trâmites de desembaraço de cargas dessa natureza, com uma entrada rápida ao final dos eventos na área alfandegária, proporcionando o processo de admissão temporária, com suspensão ou isenção de impostos pois sua finalidade tem tempo determinado.

Com anos de estrada na bagagem, Rogers segue no auge da forma e da popularidade



UM ÍCONE DO ROCK

Roger Waters é o mentor de grandes clássicos do rock. Mas quando iniciou sua carreira dentro do Pink Floyd, em 1965, o futuro autor de “Time”, “Wish You Were Here” e “Another Brick in the Wall” era apenas o baixista da banda surgida em Londres, ao lado dos também estudantes de arte Nick Mason, Richard Wright e Syd Barrett. Esse último era o dínamo criativo da banda durante os primeiros shows no underground londrino e escreveu praticamente todas as músicas do disco de estreia, “The Piper on the Gates of Dawn”, que marcou o PF como um dos nomes do movimento psicodélico. Mas a contínua perda de capacidade mental de Syd fez com que David Gilmour fosse convocado para a banda e, quando o antigo líder saiu de cena para viver recluso, foi o momento para o talento de Waters aparecer.

Bons discos, trabalhos conceituais e críticas positivas se somaram entre 1968 e 1972, mas foi em 1973 que o Pink Floyd realmente se tornou popular, com o disco “The Dark Side of the Moon”. Um dos discos mais conhecidos do rock, com sua capa indefectível do prisma, e com canções que falam de assuntos que marcam a vida humana, como fantasia, tempo, dinheiro e dos caminhos da mente.

O sucesso comercial (por anos o disco ficou entre os mais vendidos do rock) deu a certeza de que os discos mais conceituais eram o caminho, e Waters caprichou nos próximos álbuns. Suas letras, aliadas ao estilo da guitarra de David Gilmour, definiram o som do Pink Floyd como Space Rock, uma música longa e contemplativa, com solos marcantes.

Assim, Waters ficou no panteão dos grandes compositores até o começo do anos 80, quando começou a ter uma relação conflituosa com os demais membros da banda, tanto que expulsou Richard Wright por um tempo e considerou os companheiros como coadjuvantes no disco “The Final Cut”, que conta as agruras da segunda guerra e a dor de ter perdido o pai durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1985 Waters achou melhor deixar o Pink Floyd para trás e começou uma carreira solo, sempre apostando no ativismo e em letras fortes, denunciando as mazelas sociais. Inclusive sua luta contra o fascismo é constante e lhe rende várias críticas, como o apoio ao presidente Nicolás Maduro, da Venezuela, e críticas constantes ao presidente Jair Bolsonaro em sua turnê pelo Brasil, mas totalmente justificáveis para quem teve o pai morto pelos nazistas. Então sua ojeriza pelos regimes opressores é fundamentada. Mas Waters nunca se descolou do seu legado com a banda, lembrando seus clássicos para seu público fiel. Ele e nós sempre conectados.

OS GRANDES DISCOS DE ROGER WATERS

Meddle – 1971

Aqui o Pink Floyd começava a dar a guinada do psicodelismo para o progressivo, com uma sonoridade mais sóbria e canções mais marcantes. Mas ainda tem a viagem de “Echoes”, que ocupava todo o lado b do disco de vinil, e canções mais curtas como “One of These Days” e “San Tropez” . Era o caminho para o sucesso mundial.

The Dark Side of The Moon – 1973

Esse disco tem uma mitologia própria (tanto que dizem ser sincronizado com o filme O Mágico de Oz) pela capa, pelas trucagens sonoras, repletas de falas, sons diferentes e mixagens entre as faixas, e por uma faixa interagir com a outra, iniciando ao final da anterior. Daqui surgiram grandes clássicos da banda como “Time”, “Money”, “Us and Them” e “Brain Damage”.

Wish You Were Here – 1975

O sentimento de saudade predomina no álbum, com faixas como “Shine on You Crazy Diamond” e a faixa-título lembrando a ausência de Syd Barrett, que segundo a lenda visitou os músicos no estúdio e deixou a todos tocados. Outra capa icônica, com um homem pegando fogo, marca um dos discos preferidos pelos fãs.

Animals – 1977

Totalmente baseado no livro “A Revolução dos Bichos”, de George Orwell, criou uma das imagens mais marcantes da banda, a do porco voador. Que segundo a lenda não foi programado, o balão do bicho se soltou e possibilitou a foto em meio a uma usina de Londres. E depois disso virou um símbolo nos shows da banda e de Waters. Um disco cru, baseado nas guitarras de Gilmour, com ótimas faixas como “Dogs” e “Sheep”.

The Wall – 1979

Grande clássico conceitual, disco duplo, virou filme. Tem clássicos indiscutíveis como “Another Brick on the Wall”, “Hey You”, “Comfortably Numb” e “Run Like Hell” e discute desde o amor materno à escola, passando pela superficialidade do showbiz e das relações humanas. Além de criticar a polícia e o poder centralizador, tem uma capa clássica, com o plus dos desenhos de Gerard Scaffe.

UMA FÁBRICA DE BOAS MEMÓRIAS

A HT Micron, com sede em São Leopoldo/RS, é uma das maiores empresas na produção de semicondutores do Brasil

Seja no celular, computador, smart tv, máquina de cartão de crédito, relógios inteligentes ou em outros gadgets, possivelmente você tem um chip de memória produzido pela HT Micron, uma das maiores empresas brasileiras no mercado de semicondutores. Com sede em São Leopoldo/RS, a empresa teve sua primeira instalação dentro da Unisinos e hoje tem uma fábrica com 10 mil metros quadrados ao lado da universidade Leopoldense, sendo uma das big players do mercado de tecnologia, fornecendo para praticamente todas as empresas do mercado eletrônico nacional.

Fundada em 2009, a HT Micron é uma empresa brasileira, fruto da cooperação tecnológica entre Brasil e Coreia do Sul, dedicada a prover soluções em semicondutores para o mercado brasileiro e latino-americano. Entre seus objetivos principais está o estímulo à geração de conhecimento na indústria eletrônica Brasileira, pois a HT Micron acredita que o ambiente universitário é altamente estimulador e possui grande potencial no processo de inovação em tecnologia. Por conta disso, o local escolhido para as instalações da HT Micron foi o complexo Tecnosinos, localizado na cidade de São Leopoldo, a cerca de 35 km de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O início das operações da HT Micron se deu em uma infraestrutura prévia, denominada Basecamp, em julho de 2011. Localizada no campus da universidade Unisinos, o Basecamp viabilizou o início da produção local de semicondutores da HT Micron e posteriormente foi doado à universidade, possibilitando a criação de cursos de formação profissional na área de semicondutores.

Durante este período a HT Micron iniciou a fabricação do seu primeiro produto comercial, o componente de memória DRAM DDR3, cujo foco foi a utilização em computadores.

DO PRIMEIRO CHIP À PLANTA DIFERENCIADA

Inaugurada no dia 7 de junho de 2014, a nova sede da HT Micron que conta com aproximadamente 10 mil m de área construída, ampliou sua capacidade de produção de componentes semicondutores utilizando as mais avançadas tecnologias disponíveis no mercado mundial. Os 7.500 m2 de sala limpa possuem temperatura, umidade relativa do ar e contagem de partículas mantidas dentro de uma faixa de valores compatível com os processos de encapsulamento e teste de semicondutores, seguindo padrões internacionais de qualidade.

Como parte do seu atual portfólio de produtos, destacam-se as memórias DRAM, eMMC e eMCP. As DRAM são memórias dinâmicas, para processamento de dados e são comumente empregadas em computadores e outros dispositivos eletrônicos. As eMMC são memórias não voláteis, voltadas para armazenamento de informações, sendo tradicionalmente empregadas em smartphones, tablets, máquinas de cartão de crédito, relógios inteligentes e outros dispositivos móveis. Já as eMCP, são bastante complexas e integram memórias de armazenamento e de processamento em um só chip, utilizadas majoritariamente em dispositivos móveis e weareables.

Porém, com a dinâmica do mercado, a HT Micron vem ano após ano expandindo seu portfólio de produtos de forma a atender todas as demandas dos seus clientes e prospects. Especialmente ao longo do ano de 2019, devem ser lançados novos produtos voltados para o mercado de Internet da Coisas (IoT – Internet of Things). Estes são produtos que utilizam uma tecnologia chamada de System-in-Package (SiP), capaz de produzir componentes semicondutores dedicados, facilitando a integração de diversos outros dispositivos e melhorando a performance e a experiência de uso.

Inclusive, um dos produtos que deverá ser lançado em breve está voltado para a área de logística, que trará grandes benefícios operacionais para inúmeras empresas.

"Por estar sediada em um complexo tecnológico dentro da Unisinos, não somente a atração de mão de obra de qualidade é facilitada, como também, as possibilidades de investimentos se ampliam. Resultado disso é a forte parceria entre empresa e universidade, onde investimos 1% do nosso faturamento em P&D externo, no laboratório ITT Chip, dentro da Unisinos, por meio do PADIS (Programa de Desenvolvimento da Indústria de Semicondutores)." *Edelweis Ritt, CIR*

UM LUGAR ONDE O PRAZER E O TRABALHO SE MISTURAM

Ambiente limpo e amplo. Mesmo com as necessidades especiais que o produto exige (todos os visitantes precisam usar propés e os funcionários deixam os calçados nos armários situados na recepção, circulando com chinelos no interior da empresa), a descontração e a alegria em trabalhar num espaço diferente são facilmente notados em uma rápida visita, passando pelas salas com nomes dos principais montes e montanhas do planeta.

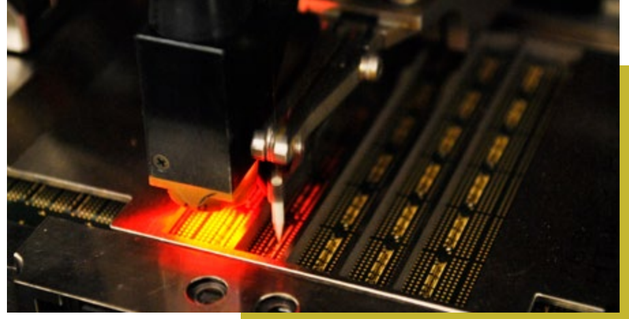
O resultado de um trabalho focado na excelência ao atendimento das demandas de clientes e na transformação do ambiente de trabalho em um local saudável e de alto desempenho, rendeu à HT Micron já na sua primeira aplicação à pesquisa Great Place to Work (GPTW), o certificado de ótima empresa para se trabalhar no ano de 2018.

Com foco em melhoria contínua do ambiente de trabalho e dos seus processos, a HT Micron emprega diferentes ferramentas de gestão de desempenho, como os ciclos de avaliação direto da gestão com o colaborador e a avaliação 9BOX, onde um comitê de lideranças com interface direta com os times avalia cada colaborador, gerando o mapeamento detalhado do quadro funcional da empresa. Outra característica marcante da filosofia da HT Micron, é o investimento em capacitação. São promovidos ciclos de treinamentos que podem ocorrer tanto no Brasil quanto na Coreia do Sul e neles são foco o desenvolvimento das Lideranças, visando melhoria na eficiência e o contínuo aperfeiçoamento dos colaboradores, assim como foco técnico, onde mais de 60 funcionários brasileiros estiveram na Coréia do Sul e 35 colegas asiáticos vieram ao Brasil, para diversas trocas de experiências, ampliando o intercâmbio.

"A integração com os times que vêm da Coreia do Sul ocorre de maneira muito rápida. A dificuldade de comunicação vai sendo superada diariamente e acabamos compartilhando costumes e maneiras entre todos, sendo uma via de mão dupla de troca de experiências nos aspectos profissionais e pessoais, onde aprendemos um pouco da língua, conhecemos seus costumes e diversos pontos da cultura sul-coreana. Sempre que possível, realizamos integrações em lugares diferentes de forma que possamos apresentar um pouco da diversidade do Brasil para os estrangeiros. Muitos já optaram por times de futebol brasileiros para torcer e irem aos estádios. Em termos profissionais, o povo sul-coreano busca constantemente o aprimoramento e a solução de problemas de maneira rápida e simples, evitando a burocracia que muitas vezes é o empecilho para o desenvolvimento de empresas."

- Lucas Gasparin Rieck, P&D

Como forma de integração em todos os níveis da organização, mensalmente é realizada uma reunião com todos os colaboradores, onde o CEO da HT Micron, Sr. Chris Ryu direciona a palavra aos funcionários em português, apesar de ter o coreano como língua nativa, o que demonstra e reforça o pilar de integração multicultural da empresa. Além disso, na mesma reunião, há premiações para colaboradores que se destacaram durante o referido mês. Outra oportunidade de integração é o "Café com o Gestor", evento onde todos os meses um gestor da empresa relata detalhes sobre a sua carreira, escopo de trabalho, desafios superados e promove um debate sobre um assunto relevante da organização, gerando assim um momento onde os participantes podem sentir a responsabilidade e os desafios de cada líder da empresa.



A Multi como parceira fundamental

A principal matéria-prima para a produção dos semicondutores é o wafer, um produto feito à base de silício que vem em discos parecidos com um biscoito (por isso o nome) que depois são manufaturados, transformando-se em chips de diversos tamanhos. Por não ter oferta nacional, mais de 90% dos materiais usados na fabricação dos componentes semicondutores, são originários da Coreia do Sul. Uma das rotas de transporte utilizadas pela HT Micron é via Miami-Porto Alegre ou Miami-São Paulo-Porto Alegre. As remoções até São Leopoldo ocorrem em caminhões específicos que atendem a requisitos de qualidade e limites de vibração.
Segundo Leila Zappe, Supervisora de Logística da HT Micron, a Multi facilita muito na remoção do material do aeroporto de Porto Alegre até a sua nacionalização no Porto Seco, diminuindo prazos e custos do processo. "Trabalhamos com um giro de estoque muito baixo, devido ao alto valor agregado da matéria-prima, portanto, a agilidade da Multi possibilita que não tenhamos atrasos nas entregas de material para a produção", confirma. Atualmente a HT trabalha em três turnos.
O material bruto passa por diversos processos até se transformar no chip de memória comercializado às empresas de tecnologia. "Dependendo do produto, cada wafer pode conter de 400 até 15 mil dies, podendo passar por até 45 processos diferentes, durante a fabricação, comenta o Gerente de Marketing e Vendas Julio Soccol.

"Nós não só estamos produzindo semicondutores. Nós estamos criando o futuro do Brasil para PC, Smart TV, Smartphone, IoT, Inteligência artificial, Indústria 4.0 e Carros autônomos."

Chris Ryu, CEO

Luiz Marenco

UMA LONGA ESTRADA

A música gaúcha tem várias vertentes e particularidades. Seja tradicional ou urbana, ela ajuda a criar a cultura tão particular do RS

-Juarez Fonseca

Os primórdios ainda em 1800

Um dos primeiros pesquisadores das particularidades culturais do gaúcho foi João Cezimbra Jacques, autor de livros como Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul, publicado em 1883. Nele, o major da cavalaria que lutara na Guerra do Paraguai (1864-1870) registra o momento, em meados dos anos 1800, em que as danças vindas da Europa passaram a dominar os divertimentos entre as classes altas do ambiente rural (os estancieiros e suas famílias), deixando para trás o antigo "fandango" açoriano/bandeirante. Entre outras, Cezimbra menciona "as polkas, os schottisches, as mazurkas e as havaneiras". Transmutados, esses ritmos perduram até hoje na música gauchesca, em especial o chote (ou xote) e a vanera, que mais tarde deu cria ao envolvente vanerão.

Mas raríssimos nomes de músicos foram preservados. Em um artigo escrito para a lendária Revista do Globo em novembro de 1950, o folclorista Barbosa Lessa mencionava quatro violeiros da época de Cezimbra que tiveram seu momento de fama antes de mergulharem no ostracismo: Fidelis Martins, de Uruguaiana; Bernardino Felix, de São Jerônimo; Vitorino Rascada, de Porto Alegre (que muitas vezes tocou no Palácio do Governo provincial); e outra raridade, uma mulher, Dona Cândida de Azambuja, de Taquari. Depois da Guerra do Paraguai, começou a entrar em cena um instrumento que em pouco tempo se tornaria dominante: o acordeão, ou cordeona, ou gaita.

A gaita entrou aos poucos pelas fronteiras de Uruguai e Argentina e ganhou força com a chegada dos imigrantes italianos, a partir de 1874, invadindo as danças citadas acima e passando a caracterizar os bailes gauchescos – sem nunca mais deles sair. Até aqui estamos em danças e bailes, mas e as músicas cantadas, que formatam e popularizam um cancioneiro, quando abrem espaço nessa história? Antes de vermos isso, cabe lembrar que as modas da capital do País, o Rio de Janeiro, sempre influenciaram as províncias, e no Rio Grande não foi diferente. As informações chegavam às cidades mais importantes, Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, e daí se espalhavam.

As primeiras gravações e os cantores pioneiros

Como em todo o mundo, o fator que impulsionou o consumo de música foi a invenção da gravação, que por sua vez motivou o surgimento de cantores como nunca antes na música popular. Em 1914, o imigrante italiano Savério Leonetti instalou em Porto Alegre a segunda gravadora e fábrica de discos do Brasil e da América Latina, a Casa A Electrica (a primeira foi a carioca Casa Edison, em 1902). O rótulo dos discos era ilustrado pelo desenho de um gaúcho a cavalo. Ouvir discos nos gramofones tornou-se uma febre. Para dar uma ideia, o rádio só chegaria a Porto Alegre em 1927, com a inauguração da Rádio Gaúcha.

Entre as centenas de cantores, instrumentistas, grupos instrumentais e bandas lançados por Leonetti, três são sempre citados por pesquisadores e historiadores como Paixão Côrtes e Hardy Vedana: o gaiteiro Moysés Mondadori (que fez a primeiro registro da canção folclórica Boi Barroso, acompanhando o cantor Eduardo Martins); o violonista, compositor e arranjador Octavio Dutra, líder do conjunto O Terror dos Facões; e o cantor de sambas Geraldo Magalhães, que seria nacionalmente conhecido. Em dez anos de existência a Casa A Electrica gravou e lançou cerca de quatro mil discos. Não é pouca coisa. Tanto que, depois, a grande maioria dos artistas do Sul passou décadas sem ter seu trabalho registrado. "O fim de A Electrica instalou uma crise de motivos gauchescos, porque os homens de disco da Capital Federal não viajavam", escreveu Paixão, pioneiro na pesquisa sobre o legado essa gravadora.

Geraldo Magalhães

Lupicínio Rodrigues

A era do rádio

Se Lupicínio Rodrigues não tivesse viajado até o Rio, para mostrar suas músicas aos grandes intérpretes (prática habitual na época), é bem provável que não chegasse à consagração. Seu primeiro sucesso viria em 1938, Cadeira Vazia, por Francisco Alves, o "Rei da Voz". A partir daí, durante uns bons 15 anos, seus sambas-canção seriam disputados a tapa pelos cantores e cantoras mais famosos do "star system" carioca. Mas Lupi foi uma exceção. Para os que não tinham o talento, a persistência e a sorte dele, a saída em Porto Alegre foi o rádio.

Seguindo a onda nacional, nos anos 1940 e 50 as emissoras Gaúcha e Farroupilha, principalmente, mantinham expressivos elencos de instrumentistas e cantores, incluindo orquestras, conjuntos regionais e típicas de tango (o tango merece um capítulo à parte). Foi nesse caldo que surgiram artistas como Pedro Raymundo, que mesmo nascido em Santa Catarina foi o primeiro a fazer sucesso nacional, pilchado de gaúcho e cantando música gauchesca... em rádios cariocas.

Logo apareceria o Conjunto Farroupilha, também sucesso nacional cantando folclore do Rio Grande e canções de jovens compositores como Negrinho do Pastoreio, de Barbosa Lessa. Seus discos (o primeiro é de 1953) eram gravados no Rio de Janeiro, com arranjadores e orquestrações de lá.

As ondas do rádio ainda trariam, nos anos 1950/60, além de Elis Regina, os mais famosos cantadores populares de bombacha até hoje: o genial Gildo de Freitas e seu discípulo Teixeirinha, este em pouco tempo um fenômeno na vendagem de discos. Mas e a "outra" música gaúcha, aquela descendente do folclore, mais qualificada, que propunha Lessa? Em resumo nem tão exagerado, essa estava meio esquecida, espremida entre Teixeirinha, os Beatles e a nova MPB de Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Elis, revelada pelos festivais da TV.

Telmo de Lima Freitas e Luiz Carlos Borges //*Andressa Camargo*

Mario Barbará //*Tude Munhoz*

Entre os músicos urbanos, a temática regional já aparecera em Lupicínio, com Felicidade (gravação de 1947 do Quitandinha Serenaders, grupo gaúcho formado no Rio). Em 1968, no II Festival Sul-brasileiro da Canção, realizado em Porto Alegre, Raul Ellwanger conquistou o segundo lugar com o samba O Gaúcho, na primeira vez que um representante da geração urbana surgida entre o final dos 60 e o início dos 70 buscava essa temática. O reflexo da Califórnia – que chegou a abrir a linha de Projeção Folclórica para abrigar canções "não campeiras" – foi imediato. Em 1974, Jerônimo Jardim, Ivaldo Roque e a cantora Loma (mais tarde premiadíssima nos festivais em carreira solo) criavam o grupo Pentagrama no show Transas & Milongas, mesclando músicas urbanas e regionais, projetando para o primeiro (e único) disco a dançante Fandangueira.

A Califórnia foi um recomeço

Foi nesse clima que, em 1971, um grupo de uruguaianenses decidiu criar a Califórnia da Canção Nativa do RGS. Ao fim de meia dúzia de edições o festival já conseguia reverter totalmente o panorama estagnado. Revolucionou, abriu capítulo novo, revelou dezenas de artistas e motivou a proliferação de festivais nativistas pelo mapa gaúcho.

Não fosse a Califórnia, não seria aberto no Rio Grande um vigoroso mercado não só para a música (shows, discos) como para outros itens ligados aos costumes, como literatura, gastronomia, vestuário etc. Não fosse o sucesso motivado pelo palco de Uruguaiana, músicos urbanos com identidade regional não se sentiriam estimulados a cantar sua terra, como faziam os novos cantadores nordestinos na mesma época.

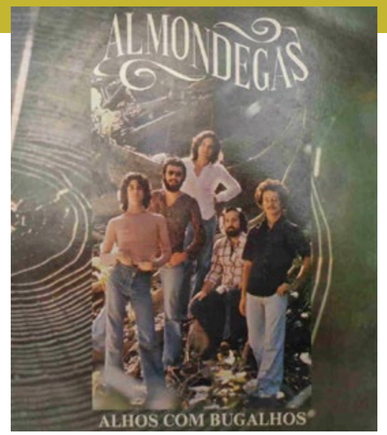
A partir da Califórnia da Canção, divulgada largamente pelos jornais, transmitida por dezenas de rádios (e, uma vez, nacionalmente, por uma emissora de TV paulista), ganharam visibilidade nomes como Telmo de Lima Freitas, Luiz Carlos Borges, Renato Borghetti, Mario Barbará, César Passarinho, Neto Fagundes, Leopoldo Rassier, Elton Saldanha, Jerônimo Jardim, João de Almeida Neto, Mauro Moraes e tantos mais.

Califórnia daa Canção 1982 //*Tude Munhoz*

Cada vez mais pop

No início de 1975, em seu primeiro LP, o grupo Almôndegas gravava Vento Negro (José Fogaça) e Amargo (Lupicínio/Piratini). O segundo, no fim do ano, com uma paisagem campeira na capa, era mais explicitamente gaúcho, com a folclórica Velha Gaita, Gaudêncio 7 Luas (Marco Aurélio Vasconcellos/Luiz Coronel, vinda da Califórnia da Canção) e Haragana (Quico Castro Neves) – estas duas seriam pouco depois gravadas pela paraense Fafá de Belém. Em 1976, Carlinhos Hartlieb, músico porto-alegrense de formação pop e bossa-novista, apresentava o show Sonho Campeiro, em que pela primeira compunha milongas. No ano seguinte, Hermes Aquino estreava em disco de grande sucesso nacional (aquele de Nuvem Passageira) que incluía um pupurri gauchesco com levada pop em Prenda Minha, Balaio, Boi Barroso e Negrinho do Pastoreio.
Ancestral gênero comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina (e que deu origem ao tango), a milonga ganharia grande visibilidade nos festivais, tornando-se praticamente hegemônica. É uma milonga que abre o LP coletivo Paralelo 30, de 1978: Que Se Pasa?, do uruguaianense Bebeto Alves.

Bebeto Alves



O disco, que reúne as primeiras gravações de Bebeto, Carlinhos Hartlieb (autor da latina Maria da Paz), Cláudio Vera Cruz, Nando d'Ávila, Nelson Coelho de Castro e Raul Ellwanger, foi todo planejado sobre essa realidade em que se formava um novo cancioneiro gaúcho com todos os matizes, do campeiro ao universal.
Foi o primeiro disco feito pela recém-criada gravadora gaúcha Isaec, dirigida pelo músico Geraldo Flach – que também participara da Califórnia e passara a compor temas regionais instrumentais (como a futura Rancheirinha).

O seguimento dos anos 80

Mesmo marcada por um certo atrito entre tradicionalismo e nativismo, ou entre os ideólogos do campeirismo e os renovadores do sotaque musical gaúcho, a década de 1980 sedimentou as expressões dos novos. Para começar, já fora dos Almôndegas, no primeiro álbum como dupla, os pelotenses Kleiton & Kledir conquistam audiência nacional para sua gauchíssima Maria Fumaça. No segundo, cantam Semeadura (milonga do mano Vitor Ramil em parceria com Fogaça premiada na Califórnia), Lagoa dos Patos e Trova. Em 1982, surge em Porto Alegre a banda Saracura (que revelou Nico Nicolaiewsky) com uma mistura de MPB, pop e música gaúcha, e o detalhe de uma parceria com o sãoborjense Mário Barbará, revelado pela Califórnia. Entre as faixas de seu primeiro e único LP estão Xote da Amizade, de Barbará, e Xote de Jaguarão, de Kledir Ramil. No ano seguinte, começa na cidade de Santa Rosa o Musicanto Sul-americano de Nativismo, festival criado por Luiz Carlos Borges para unir as pontas, aberto a todas as tendências (a melhor síntese do Musicanto é grupo Tambo do Bando, ainda na ativa, mesmo que bissextamente).

Kleiton & Kledir

Yamandu e Borghetti

Em 1984, mesmo ano em que sai o primeiro disco de Renato Borghetti, que em poucos meses vende mais de 100 mil cópias no País, Vitor Ramil lança seu segundo, A Paixão de V Segundo Ele Próprio, com várias milongas e já antecipando inconscientemente a tese que ele formataria mais tarde. Em 1987, entra em cena outro festival inovador e aberto, a Moenda da Canção, em Santo Antônio da Patrulha, com a particularidade de ter aberto espaço para o folclore afro do Litoral Norte, trazendo à tona o gênero/ritmo do maçambique, que nunca conseguira chance em outros festivais por ser considerado "samba". E assim seguiram os acontecimentos. Por um lado, o mercado da música regionalista crescendo exponencialmente, boa parte sob a ação do produtor fonográfico Ayrton dos Anjos, com o surgimento de dezenas de festivais, centenas de compositores, milhares de músicos, e revelando artistas como o hoje internacional Yamandu Costa. Por outro, ampliando entre os jovens músicos urbanos de todo o estado o interesse pelo sotaque local em seu trabalho.

A identidade via Vitor Ramil

Com o título de “A Estética do Frio” (lançada no livro Nós, os Gaúchos, de 1992), e de certa forma subentendida na maioria de seus discos, a tese de Vitor, em resumo, é que, ao contrário da ideia estabelecida de o Rio Grande ser periferia em relação ao centralismo tropicalista Rio-Bahia, seria o centro de outra esfera cultural, aí incluídos os países do Prata. Entre muitos outros, a essa tese aderiram do internacional uruguaio Jorge Drexler até o jovem cineasta paranaense Luciano Coelho, autor do ótimo documentário A Linha Fria do Horizonte (2012), mostrando as confluências culturais entre artistas dos três países.

Este texto poderia citar vários artistas que se inserem na perspectiva de renovação da música gaúcha a partir do que foi dito, como Shana Müller, Pirisca Grecco, Zelito Ramos, Maurício Marques, Kako Xavier, Aluisio Rockembach, Oly Jr.; poderia citar grupos instrumentais como Quartcheto, Quinteto Canjerana, Quinteto Picumã. E até argentinos e uruguaios que têm participado desta confluência. Enfim. Mas assim como Vitor Ramil, Bebeto Alves tem uma posição especial. Porque é, digamos, um roqueiro-milongueiro. Assim como existe a bossa nova, Bebeto criou a milonga nova, apresentada em vários de seus tantos discos. Ora dançante, ora contundente, essa milonga, e a reflexiva de Vitor, são uma ponte para o amanhã da música moderna com sotaque gaúcho.

Shanna Muller

Oly Jr.

Aluisio Rockembach

LI
BE
R
DA
DE

25 ANOS DE FORREST GUMP

Como um personagem limitado conseguiu vencer e se tornar tão importante na cultura pop

Run, Forrest, Run (ou Corra, Forrest, Corra) se incorporou ao nosso vocabulário. Quando alguém está com pressa, é comum ouvirmos tal coisa. E isso só acontece quando uma obra entra no imaginário coletivo e vira frase do nosso dia a dia. E isso foi o que aconteceu com Forrest Gump, que acaba de completar 25 anos do seu lançamento. A história do rapaz simples e "devagar" que conheceu diversas personalidades da política, esporte e música ganhou o mundo, o Oscar e nossos corações.

O filme foi um grande sucesso. Lançado em 6 de julho de 1994, em pleno feriado da Independência americana, arrecadou quase 500 milhões de dólares ao redor do mundo e ganhou diversos prêmios. Foram 11 indicações ao Oscar com seis estatuetas conquistadas (Melhor Filme, Diretor, Ator, Roteiro Adaptado, Efeitos Visuais e Edição), além de outros prêmios como Globo de Ouro, Bafta e Saturno.

E o sucesso se baseia principalmente na atuação brilhante de Tom Hanks. Vindo de um Oscar pelo denso filme "Filadélfia", em que interpreta um advogado que definha depois de pegar AIDS e faz uma luta final pelos seus direitos, Hanks muda completamente o foco para criar o seu Forrest. Ele encarna à perfeição o rapaz simples de QI baixo que por uma jogada do destino participa de diversas passagens importantes da história enquanto tenta se encontrar e conviver com o amor de sua vida, Jenny.

Forrest é tão importante na cultura popular que ganhou até estátua de cera no Madame Tussauds

O filme tem uma visão positiva da existência. A forma quase lírica e inocente como Forrest vê a vida e sai de sua existência simples em Greenbow, Alabama, faz com que as quase três horas de filme passem muito rápido. Vemos sua história desde a infância, a influência da mãe para fazê-lo superar o leve problema mental e o grave problema de coluna. Como ele cresce e passa a jogar futebol americano, passando depois a ser soldado do Exército, jogador profissional de pingue pongue, pescador de camarão e corredor.

Sem amarras, Forrest é levado pelo mundo por seu coração e sua ética muito particular. Ele não abandona a família e amigos, mas principalmente busca incessantemente o amor. A amada Jenny sempre tem no rapaz seu porto seguro, apesar de às vezes não querer uma vida tão calma. E Gump não desiste dela mesmo longe, pois ela "é sua melhor amiga".
Se a vida é igual a uma caixa de bombons, a gente nunca sabe o que vai encontrar, Forrest Gump encontra a poesia, a graça e o amor. Por isso esse filme passa tantas vezes na TV e sempre parece ser uma coisa nova.

ALGUMAS CELEBRIDADES QUE GUMP CONHECEU

ELVIS - *Elvis Presley teria passado um tempo no Alabama e conhecido o Forrest criança, que com suas pernas duras dançava de um modo muito interessante, que depois viraria a marca do Rei do Rock.*

KENNEDY - *Em uma das primeiras passagens de Forrest pela casa branca, o rapaz conhece o presidente John Kennedy, que lhe mostra o caminho do banheiro. Uma foto de Marilyn Monroe mostra que os boatos são verdadeiros, mas Gump não se dá conta...*

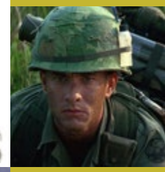
NIXON - *Mais adiante, Gump volta à Casa Branca e conversa com o presidente Richard Nixon, que lhe indica um bom hotel para passar a noite, o Watergate. Mal sabia Nixon que Forrest, sem saber, chama a polícia e inicia o processo de renúncia do político.*

JOHN LENNON - *E se Forrest tiver sido a inspiração para que John Lennon escrevesse o hino "Imagine"? Numa entrevista na TV, Gump fala de sua experiência na China, onde as pessoas "não tem dinheiro ou religião". É algo que se pode imaginar.*

PANTERAS NEGRAS - *Aqui Forrest não conhece uma pessoa específica, mas um movimento. Na melhor moda militar, Gump entra no território dos Panteras Negras, que tentam mostrar a ideologia anti-guerra pro rapaz, que não entende direito a "festa" dos panteras.*

A mente de Forrest
O apego à mãe e a dedicação ao que é ético e certo acompanham Forrest Gump desde sempre. Ele poderia ser um revoltado, mas é um otimista. Tanto que vira um guru quando atravessa os Estados Unidos correndo, dando ideias para adesivos e criando o smile numa camiseta (com um jeito bem messiânico). Ele sabe ser denso, quando conta as atrocidades da guerra, mesmo que a gente não consiga entender uma palavra.
Ele é um amigo, que não abandona Bubba no meio da floresta em chamas, nem o Tenente Dan quando ele perde a esperança em Deus ou no futuro. Mesmo rico, ele prefere a simplicidade de cortar grama de graça na sua cidadezinha natal. E precisa obedecer a mãe pra contar uma mentirinha de nada e ganhar um dinheiro com um patrocinador de pingue pongue. Forrest é puro, mas não é idiota, porque idiota é quem faz idiotice, e ele não faz isso...

Livro - O autor não gostou
Mas nem tudo são flores em Forrest Gump. Apesar do sucesso mundial, o autor do livro que inspirou o filme de Robert Zemeckis não gostou do resultado. Isso porque no livro de Winston Groom, Forrest é mais ácido e mesmo se considera um idiota. Ele não dá tanta atenção à mãe e quer mesmo viver com Jenny, que tem uma relação bem mais estável com o rapaz no livro.
Algumas mudanças também não agradaram o autor, como a retirada de capítulos importantes na trajetória de Forrest, que viajou em um foguete da Nasa com um chimpanzé e aprendeu a jogar xadrez com canibais na Guiné. No livro ele não corre, mas mostra a bunda para um presidente. Pelo menos isso...



A estrada está presente no filme: Forrest passa boa parte do tempo nela, e chega a cruzar o Monument Valley correndo

O GUERREIRO VAI SE APOSENTAR?

Um dos maiores nomes do skate do planeta no downhill speed quer se dedicar ao esporte e apenas correr por prazer

Douglas Dalua é um fenômeno do skate. Três vezes campeão mundial na categoria downhill speed (o skate de velocidade, disputado em ladeiras bem íngremes, em que o atleta ultrapassa facilmente os 100 km por hora), entre muitos títulos e recordes, o leopoldense de 35 anos está prestes a deixar as competições. Mesmo ainda esbanjando alto nível nas competições, ele acha que é hora de parar. "O corpo já sofre pra competir com a molecada, e mesmo com quase 20 anos de experiência nas competições, agora é a hora de parar e descer as ladeiras só por diversão", comenta o tricampeão do mundo. Mesmo assim, ele segue ganhando competições de alto nível, como a etapa paranaense do Brasileiro e sendo um dos grandes nomes para o Barcelona WRG.

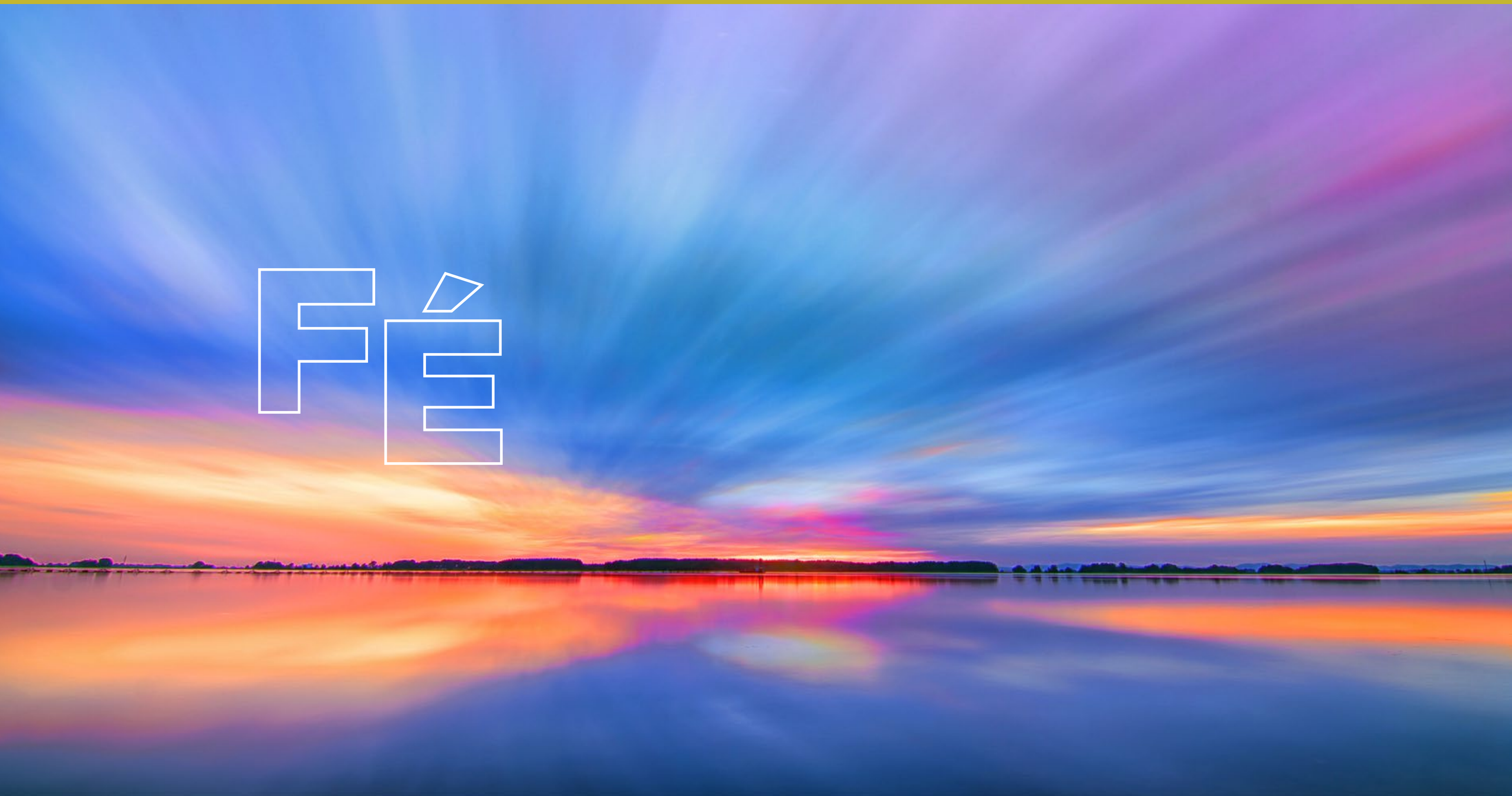
2018 foi um ano intenso para Dalua. "Viajei muito, rodei o mundo todo, fiz finais incríveis e infelizmente tive a tristeza de estar presente no acidente fatal do Alison Pastrana. Ganhei tudo o que disputei e acho que é o momento de diminuir o ritmo. São 18 anos competindo em alto nível", comenta, lembrando que quer continuar atuando no esporte, tanto incentivando como usando sua experiência e conhecimento no desenvolvimento de projetos para a área. E no ano de despedida, ele conquistou taças na Coreia, Austrália, Peru e Equador. Um de seus projetos é tornar o skate downhill mais "vendável". "Agora o skate será modalidade olímpica e o esporte gera renda, empregos. Nós somos a F1 da modalidade, mas falta investimento, precisamos investir nos eventos, nos atletas, no trabalho didático nas escolas pra mostrar o potencial que temos", diz.

E quem fala é um atleta que já foi o recordista mundial de velocidade, no livro Guiness de recordes. A performance em Teutônia, no ano de 2007, com inacreditáveis 113 km/hora, mostrou a técnica apurada moldada nas ladeiras de Novo Hamburgo e São Leopoldo. E desenvolvida em pegas ao redor do mundo, dos EUA a Dubai. "O esporte me proporcionou conhecer todo o planeta e falar três idiomas. Tenho amigos de todo o planeta que conheci pelo downhill. Isso não tem preço e compensa as 19 cirurgias que passei, os perrengues pra conseguir pagar as viagens e todas as dificuldades que uma alta performance exige. Sou muito grato e quero ajudar a desenvolver o esporte ainda mais", garante.

Mas claro que o skate não vai ficar de fora da vida de Dalua. Ele pensa em correr algumas etapas, talvez competir no Master. Mas ainda está fazendo os planos. O guerreiro quer uma folga pro corpo, mas nada definitiva. Ele vai se aposentar, mas não abandonar a modalidade. Isso não seria possível para quem viveu o skate como ele sempre viveu. Bom para todos.

TÍTULOS PRINCIPAIS

- **3x Campeão Mundial**
- **3x Campeão Sul Americano**
- **6x Campeão Brasileiro**
- **5x Campeão Gaúcho**
- **Recordista mundial velocidade Guinness Book 2007**
- **Eternizado na Calçada da Fama ESPN**


FÉ

MAHINDRA CADA VEZ MAIS ROBUSTA NO BRASIL

Empresa aproveita a parceria com a Multi Armazéns para ampliar a marca junto aos agricultores brasileiros

A Mahindra está cada vez mais expandindo seus trabalhos no Brasil para chegar ao mesmo patamar que a marca tem em todo o planeta, sendo a maior produtora de tratores do mundo. Para isso se organiza na sua fábrica em Dois Irmãos (RS) e utiliza a estrutura da Multi Armazéns para garantir mais eficiência na produção e economia em insumos e impostos. Tudo isso aliado à qualidade da marca indiana permite um grande crescimento no mercado nacional. Atuando em Dois Irmãos desde 2013, através de uma parceria com o grupo chileno Bramont, a marca assumiu a produção de forma completa em outubro de 2016, numa conexão direta com a Mahindra EUA, com sede em Houston/Texas. O desenvolvimento da fábrica permite a produção de 1 mil tratores por ano e para atender a demanda nacional, a marca possui atualmente 27 concessionárias em todo o Brasil, com um plano de expansão de 30 pontos até março de 2019 e alcançar 40 locais nos próximos 12 meses, focando nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Entre jipes e materiais para a Nasa

Se no Brasil o foco da Mahindra são os tratores, em todo o mundo o mix de produtos da empresa indiana no mercado é muito maior. Tão antiga quanto a Índia como país independente, a Mahindra começou a operar no final da Segunda Guerra Mundial, quando os irmãos K.C. Mahindra e J.C Mahindra, junto com Ghulam Mohammad, voltaram de uma viagem aos Estados Unidos e ganharam a licença de produzir o Jipe Willys. Hoje, com mais de 70 anos de atuação, a Mahindra produz nos setores automotivo, Tecnologia da Informação, infraestrutura, comércio e equipamentos agrícolas, e gerando mais de 40 mil empregos diretos. Entre os avanços tecnológicos desenvolvidos pela empresa está a fabricação de metais especialmente projetados para a Nasa.

A Multi como braço direito do cliente

A parceria entre a Multi Armazéns e a Mahindra é bem ampla. Os materiais que compõem a produção de tratores são importados da Índia e montados em Dois Irmãos/RS. A Multi Armazéns realiza o serviço e transporte de remoção do Porto de Rio Grande e descarrega no Porto Seco, em Novo Hamburgo.
A Mahindra utiliza a estrutura da Multi para ser um "pulmão" para o abastecimento da linha de produção, onde os produtos ficam armazenados sem pagar impostos e, conforme a necessidade, passam por um processo de nacionalização, e a Multi faz a entrega na planta em Dois Irmãos. Este processo dá à parceira a possibilidade de não utilizar sua área de estocagem e preservar o fluxo de caixa, devido ao não desencaixe dos impostos. "*O plano é gerir a marca em toda a América do Sul em 2 anos".* Em entrevista, o Diretor Geral de Operações da Mahindra Brasil, Jak Torreta Júnior, 59, fala da atuação e dos planos de expansão da marca.

Como está a adaptação da empresa com o Brasil? São quase 10 anos de operação em Dois Irmãos...
Jak Torreta Júnior - *Na verdade, a Mahindra tem 2 fases distintas. A primeira foi como distribuidor de componentes para tratores, em 2010, numa parceria com a Bramont, que em 2012 decidiu abrir uma fábrica em Dois Irmãos para estabelecer uma linha de montagem. A Bramont acabou conseguindo desenvolver os tratores, mas tiveram bastante dificuldade em ampliar o investimento e garantir uma boa gama de concessionárias, então em 2015 começou uma negociação para a compra de ativos, que acabou se consolidando em outubro de 2016, quando a Mahindra assumiu a produção total, ampliando a participação no mercado nacional.*

2018 foi um ano complexo, como a empresa se adaptou a isso? E o cenário para 2019 é positivo? Qual a gama de investimento e projeção de crescimento da empresa?
Jak Torreta Júnior - *O plano de investimento da Mahindra por aqui, desde 2016, é de 70 milhões de reais em 10 anos. Isso envolve a consolidação de uma rede de concessionárias, nacionalização de novos produtos e ampliação da nossa fábrica de Dois Irmãos. Hoje temos 42 funcionários diretos, produzindo mil tratores/ano, mas temos um plano de ampliação, que deve durar 1 ano e meio, que pode ser concluído com um novo local para a fábrica, que nos permita ampliar a produção. Estamos recebendo cotações e propostas, principalmente do RS e SP, mas temos a ideia de permanecer em solo gaúcho, pela logística e mercado forte. Está nos nossos planos, no prazo de 2 anos, gerir todo o mercado da América do Sul, principalmente com nossa relação com a fábrica no Texas, que desenvolve a parte estratégica e as ações de marketing. Com a Índia são processos mais fabris e de compras, integrando todos os nossos pontos.*

Como é a relação com os agricultores e como é feita essa integração entre a empresa e o seu consumidor final?
Jak Torreta Júnior - *Esses são dois pontos bem importantes para nós. Focamos na rede de concessionárias, que eram 11 em 2016, quase todas no RS. Já conseguimos ampliar para 27, com atuação em outros estados como SC, PR, SP, GO, MG e MT.*
A Mahindra se preocupa em participar das principais feiras nacionais, como Copavel, Cotrijal, Agrishow e Expointer, além de uma atuação bem agressiva nas mídias sociais, possibilitando um contato mais direto com o nosso cliente, que garantiu um aumento de quatro vezes nos nossos seguidores.

UM RAIO X NO RS

Secretários dos Transportes e Fazenda fazem suas previsões para o futuro do Estado e as principais metas de suas pastas

O Governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, ultrapassou a faixa dos 100 dias e está arregaçando as mangas para começar a cumprir suas promessas de campanha. Ainda com dificuldades para pagar o funcionalismo em dia e articulando para conseguir privatizar algumas companhias como a Sulgás e CEEE, aos poucos vão sendo revelados os próximos passos para setores vitais para o Estado como Transportes e Fazenda.

A Revista Multi conversou com Secretário Estadual da Fazenda, Marco Aurelio Cardoso, e também com o Secretário dos Transportes, Juvir Costella, para entender os planos para os próximos anos na economia e logística do RS.

Duplicação da ERS-118 é prioridade

Secretário dos Transportes Juvir Costella fala dos planos de sua pasta

Quais os planos da Secretaria para as rodovias estaduais? Quais serão concluídas ou melhoradas?

No momento, o governo está realizando um amplo levantamento de todos os contratos e programas de melhorias na malha viária estadual. O que podemos adiantar é: obras que estão em andamento ou que estão encaminhadas devem ter prioridade. Entre elas, a duplicação da ERS-118, na Região Metropolitana. Os acessos municipais serão criteriosamente avaliados nessas mesmas condições. As obras do programa Crema (Contrato de Restauração e Manutenção de Rodovias) seguem em andamento, mediante financiamento do Banco Mundial.

Quais os planos da nova gestão em relação à EGR? Os pontos de pedágio serão ampliados através de parcerias público-privadas?

O futuro da EGR está sendo amplamente estudado e debatido com o núcleo estratégico do governo do Estado, não apenas com a Secretaria de Logística e Transportes. Neste contexto, a estruturação dos possíveis pontos de pedágio está incluída na análise que está sendo feita sobre a empresa. Somente após a conclusão dessa etapa será possível ter uma resposta mais concreta sobre o tema.

Qual o plano para concessão de rodovias para a atual gestão? O que já está planejado pela Secretaria?

No momento, o governo do Estado aguarda o relatório que está sendo elaborado pela empresa de consultoria KPMG. O estudo apresentará os parâmetros técnicos e financeiros para a concessão, principalmente, das rodovias RSC-287 e ERS-324. A partir disso, terá início uma série de consultas públicas (online e em audiências com a sociedade), além da análise por parte dos órgãos de controle (como PGE, CAGE e Agergs). Transcorridas essas etapas, a licitação poderá ser lançada para escolher a empresa que ficará com a concessão. O que podemos adiantar é que uma das exigências para a concessão é o investimento na ampliação de capacidade das rodovias, sobretudo com obras de duplicação.

Quais os grandes desafios para a área de Logística que serão enfrentados a partir de 2019?

A qualificação da malha rodoviária com a implantação de parcerias público-privadas, a reestruturação e modernização dos órgãos que administram as rodovias da rede estadual, além de projetos e ações para aumentar a competitividade das hidrovias gaúchas e desenvolver as rotas de aviação entre o interior e a Capital do estado. Em síntese, é necessário um amplo processo de gestão de resultados e busca pela eficiência de recursos públicos no setor de infraestrutura de transportes no Rio Grande do Sul.

Quais obras são prioritárias para a Secretaria?

De momento, a obra prioritária é a duplicação da ERS-118, além da concessão de rodovias para a iniciativa privada (em especial, a RSC-287 e a ERS-324). Um levantamento técnico e financeiro está sendo realizado para definir as demais ações prioritárias a serem executadas pela Secretaria de Logística e Transportes, por meio de seus órgãos vinculados. Essa é uma forma de otimizar e evitar o desperdício dos escassos recursos públicos.

Vencer os desafios da Gestão Fiscal

O Secretário da Fazenda Marco Aurelio Cardoso acredita que o controle de gastos é essencial para garantir os investimentos no RS

Quais as principais metas da Sefaz para o início de novo governo?

As metas por parte da Secretaria da Fazenda neste início de governo estão vinculadas ao diagnóstico dos principais desafios da gestão fiscal, para que possam ser definidas medidas voltadas ao ajuste das contas, e também a um enfrentamento de curto prazo ao controle da despesa e mais eficiência na receita. Nesse sentido, foram decretadas regras de controle de gastos para todas as áreas que estão sendo acompanhadas pela Secretaria da Fazenda. É sabido que o Estado tem despesas sobre as quais não tem amplo controle de gestão, como a folha de servidores, por exemplo, que cresce a cada ano, refletindo também no déficit previdenciário que foi de R$ 11,6 bilhões no ano passado. Também foi definido pelo governo um plano de trabalho para as áreas de receita tributária, dívida ativa e receita de patrimônio. Essas medidas devem estar relacionadas à melhoria da gestão pública que auxilie também no crescimento do Estado.

Quais as medidas imediatas tomadas e qual o resultado esperado? E em quanto tempo devem ser efetivadas?

Neste momento o governo se propõe a elencar medidas que possam fazer com que o Rio Grande do Sul opere, em um horizonte de tempo ainda a definir, em situação sustentável, pagando suas obrigações de forma mais regular. Temos, também, muita determinação de não mascarar, garantir transparência, e, principalmente, tomar medidas que tenham impacto no futuro, que não sejam paliativas. O tempo e o alcance dependerão do quanto a sociedade estiver disposta a contribuir. Há projetos que precisam de mudanças legislativas e, além disso, o Estado está sujeito a riscos fiscais que estão no nosso horizonte de trabalho. Num primeiro diagnóstico, concluímos que a insuficiência crônica do Orçamento de 2019 (considerando riscos de dívida com a União e precatórios) soma R$ 7 bilhões. Isso significa que, estruturalmente, o Estado não teria recursos para quitar mais do que 8 folhas de pagamento. Mais do que isso: na hipótese limite da estabilidade dessa insuficiência estrutural (R$ 7 bilhões) por 4 anos com os passivos potenciais de R$ 15 bilhões, soma-se um desafio de equacionamentos de R$ 43 bilhões ao longo do mandato. Ou seja, temos grandes desafios a serem superados.

Quais os problemas imediatos a serem enfrentados?
Os principais dilemas mapeados foram a questão da dívida, os passivos de longo prazo, a insuficiência de salários, os atrasos com fornecedores, tudo em linha com o que tínhamos identificado. O caso da dívida reflete bem o que estamos referindo. O Estado deixou de pagar as parcelas com a União por conta de uma liminar. Hoje, se essa situação mudar, o Tesouro deverá quitar parcelas de 2017 e 2018 e voltar a pagar um compromisso contratual que só neste ano é de R$ 3,6 bilhões. São questões como essas que colocam o Rio Grande do Sul entre os Estados com pior situação fiscal do país.

A fiscalização é uma das metas para aumentar a arrecadação. O que pode ser melhorado em questão de método e controle?
A Receita Estadual atua para prover recursos para o Estado e para que seja cumprida a legislação tributária. O objetivo é criar as condições para que a máquina funcione, para que a administração pública cumpra suas funções e, ao fim, também facilite o desenvolvimento. Nossas ações também devem convergir para induzir o comportamento de cidadãos e empresas, estimulando-os ao cumprimento voluntário. Nesse sentido, a Nota Fiscal Gaúcha, que incentiva o cidadão a pedir nota e comprar em estabelecimentos formalizados, é um exemplo de política eficaz de controle tributário.

NOTA
A Revista Multi informa que tentou, por diversas vezes, contato com o Superintendente de Portos e Hidrovias do RS (SPH), Fernando Estima, para falar da atual estrutura do Porto de Rio Grande, contrato do TECON e da malha hidroviária do RS, além de planos para fiscalizar melhor os serviços portuários, estruturas e outras informações de relevância para o setor e para o mercado de forma geral.

Infelizmente não foi possível a entrevista e a obtenção de respostas, que teria destaque nesse painel sobre o início do governo de Eduardo Leite no Rio Grande do Sul. Os pedidos por escrito e telefone foram ignorados, mesmo com extensão de prazos e trazendo diversas possibilidades de entrevista (pessoalmente, por telefone ou e-mail). Lamentamos esse posicionamento mas esperamos poder contar com essa participação na próxima edição da nossa revista.

1º lugar ranking despachantes 2018

UMA EMPRESA DEDICADA À EXCELÊNCIA

A Commander Logística Internacional tem mais de 25 anos de mercado e expertise qualificada em serviços de exportação e importação.

A partir dessa edição, a Multi vai destacar seus principais parceiros ao longo de cada ano. Começamos com a Commander, líder do ranking interno da Multi, que leva em conta o somatório de processos e faturamento de todos os modais atendidos no porto seco ao longo de 2018. Queremos destacar as empresas que trabalham arduamente conosco em busca da excelência nos serviços prestados e certamente outras marcas de grande importância e relevância aparecerão nas nossas páginas nas próximas edições e anos.

Fundada em 1991 e sediada em Novo Hamburgo, a Commander possui uma ampla carteira de clientes, tornando-se uma das maiores empresas do segmento no Estado. Além da matriz na cidade do Vale do Sinos, possui escritórios em Rio Grande e Caxias do Sul, duas cidades-chave ao comércio exterior da região.
As conquistas da Commander são comemoradas pelo diretor comercial Leandro Berti, 48 anos, que acompanha os passos da empresa há mais de 25 anos. “Iniciamos em 1991 focados na indústria calçadista, à época predominante na região. Com o passar dos anos, ampliamos o escopo de serviços e market share, desenvolvendo soluções aos mais diversos segmentos industriais do País, além do foco na gestão integral dos processos, o que qualificou ainda mais os nossos serviços”, comenta.
“Para isso, desenvolvemos um sistema de gestão aduaneira e logística, especializamos as nossas equipes e mantivemos constantes investimentos em infraestrutura

para assegurar o pleno atendimento das demandas e requisitos de nossos clientes nos segmentos do agronegócio, automotivo, calçadista, eletro-eletrônico, fumageiro, metal-mecânico, químico, petroquímico, dentre outros.”

Soluções completas para o comércio exterior

O foco em gestão e na qualidade dos serviços são características essenciais da Commander. “Investimos muito em tecnologia da informação para assegurar a execução e gestão das demandas de exportação e importação, otimizando os processos aduaneiros e logísticos de nossos clientes”, afirma Berti, lembrando que, além do Rio Grande do Sul, a empresa tem parceiros em todo o Brasil e nos principais mercados mundiais, executando operações porta-a-porta para produtos destinados ao exterior ou dele procedentes.
“Dispomos também de equipes especializadas em regimes aduaneiros especiais, Drawback e Siscoserv, além de ferramentas online para acessar rapidamente quaisquer informações dos processos”, informa.
Com mais de 100 funcionários diretos e certificada pelas Normas ISO 9001 desde 2002, o objetivo da Commander é consolidar sua posição de liderança do segmento na região. “Para isso, temos um plano estratégico de crescimento nos próximos 10 anos”, diz Berti. Ampliação de escopos, novos mercados e soluções de vanguarda são buscas permanentes, que juntamente com a retomada da economia nacional, revelam um horizonte muito promissor para a empresa.

Multi Armazéns
FÉ NA ESTRADA

Novamente é hora de celebrar quem esteve ao nosso lado, por meio do Ranking dos Despachantes de 2018.

São parceiros como vocês que fazem da logística um segmento em constante desenvolvimento.

Muito obrigado por participarem dessa evolução conosco!

RANKING DESPACHANTES 2018

1º Commander Logística Internacional
2º TWIN
3º Grupo Preston
4º ocean express
5º Celiberto Logística Internacional
6º TradeWay Consultoria & Logística
7º ecxglobal Logística Integrada e Comércio Exterior
8º Euro-América International Freight Forwarders
9º reachcomex assessoria e consultoria
10º MAXISUL Comissário de Despachos Aduaneiros

EXPERIÊNCIA MULTI

Estrutura

Você é nosso convidado para conhecer as instalações modernas, organizadas e dentro de rígidos padrões de qualidade, das nossas unidades de trabalho. Entre em contato com a nossa equipe comercial e agende uma visita à nossas unidades.

Pontos de apoio

Nossos escritórios de apoio fornecem todo o suporte operacional necessário para agilizar os trâmites de trânsito aduaneiro. Com profissionais experientes, realizamos todo o procedimento de liberação de DTA no aeroporto de Porto Alegre, Porto de Rio Grande e fronteiras terrestres do Rio Grande do Sul.

Documentação

A Multi recomenda que você entre em contato com a nossa equipe antes de iniciar as operações em nossas unidades. Estamos à disposição para auxiliar no passo a passo dos processos burocráticos necessários para as operações logísticas.

Multi Movimenta

Siga a Multi no Linkedin e saiba em primeira mão sobre todas as novidades de nossos produtos e serviços, além de ficar por dentro das últimas notícias do setor. Lá você pode acompanhar também como funciona o dia a dia das nossas operações e entender um pouco mais porque temos Fé na Estrada.

Comandantes da Estrada

Nossa seleção de motoristas é a mais diferenciada do mercado. Colocamos o foco na valorização desse profissional que encara os desafios da nossa infraestrutura, movimentando as cargas dos nossos clientes com agilidade e responsabilidade. Prezamos pela qualidade de vida dos nossos profissionais, pois aqui eles não são meros motoristas, são comandantes da estrada.

Consulta de carga

Quer saber como anda o trâmite do seu processo? Entre no site e acesse nosso sistema. Caso ainda não tenha um login e senha, é só seguir as instruções e fazer o cadastro na página da Multi.

wwww.**multiarmazens**.com.br

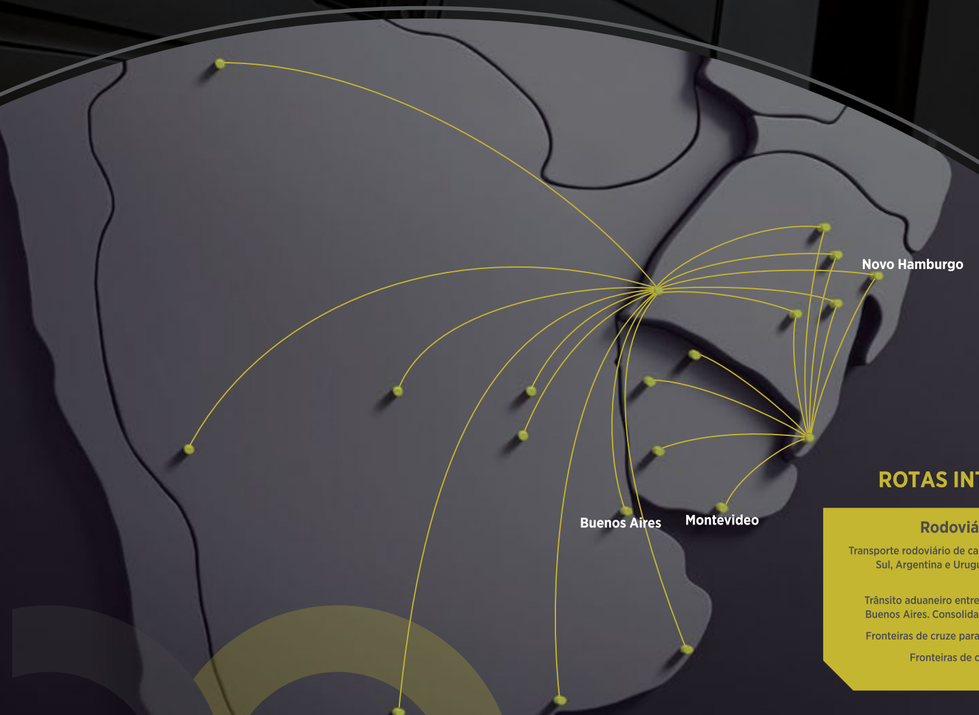
Dúvidas ou reclamações: (51) 21264900 | qualidade@multiarmazens.com.br
Atendimento comercial: (51) 21264900 | comercial@multiarmazens.com.br

Multi Armazéns
FÉ NA ESTRADA

Multi Armazéns

A Multi te leva cada vez mais longe

Em 2019, a missão é expandir horizontes. E isso significa aumentar a frota e estender as rotas. Agora a Multi Armazéns conta com transporte rodoviário até o Uruguai, para trazer o Mercosul mais perto de você e mover as suas cargas com toda a responsabilidade, seriedade e rapidez que a sua empresa precisa.



ROTAS INTERNACIONAIS

Rodoviário – Argentina – Uruguai

Transporte rodoviário de cargas completas entre o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai; da Argentina e Uruguai para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Trânsito aduaneiro entre Novo Hamburgo e depósito fiscal em Buenos Aires. Consolidação no porto seco da Multi Armazéns.

Fronteiras de cruze para a Argentina: Uruguaiana e São Borja.

Fronteiras de cruze para o Uruguai: Chuí e Jaguarão.

VUC
CAPACIDADE DE CARGA: 1,5 TONELADAS / 10 M³
QUANTIDADE: 1

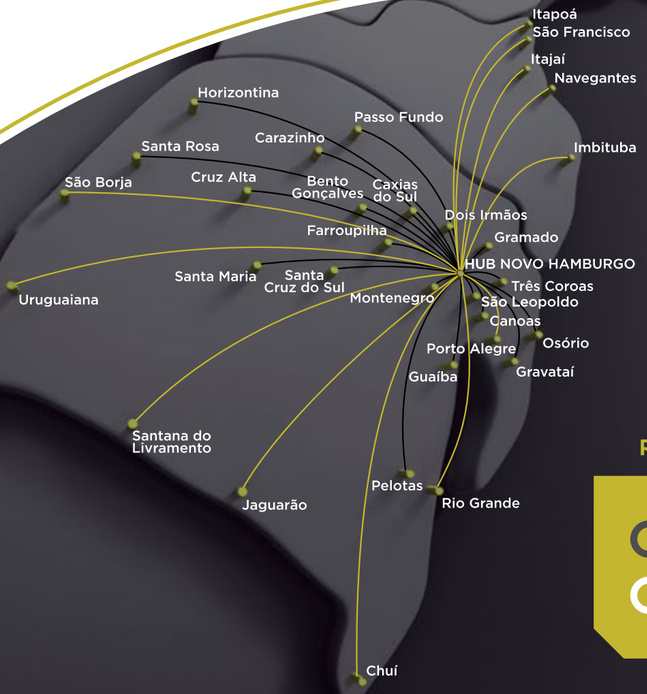
Truck Sider / Baú
CAPACIDADE DE CARGA: 15 TONELADAS / 50 M³
QUANTIDADE: 3

Porta Contêiner 20' e 40' / Tampa Baixa
CAPACIDADE DE CARGA: 30 TONELADAS
QUANTIDADE: 8

Carreta Sider
CAPACIDADE DE CARGA: 30 TONELADAS / 95 M³
QUANTIDADE: 11

Contêiner 40' Standard (STD)
CAPACIDADE DE CARGA: 26 TONELADAS / 66 M³
QUANTIDADE: 6
TAMANHO: 2,3 X 12 M

Contêiner 40' High Cube (HC)
CAPACIDADE DE CARGA: 26 TONELADAS / 76 M³
QUANTIDADE: 8
TAMANHO: 2,78 X 12 M



ROTAS NACIONAIS

- Transporte doméstico
- Transporte em trânsito aduaneiro

RES PEI TO

COMANDANTES DA ESTRADA

O melhor profissional é aquele que se sente valorizado e respeitado.

Por isso que os condutores da Multi não são simples motoristas, são **COMANDANTES DA ESTRADA.**

Multi Armazéns

FÉ NA ESTRADA